

Ano II - Nº 10

Setembro 1976

São Paulo

MENSÁRIO

mensagem

Cr\$ 3,00

Dr. Bacelar 505

04026 - SP

Brasil

EDIÇÃO

NACIONAL

JORNAL DE INFORMAÇÃO E CULTURA



Missionários papa-notinhas devoram a economia da pobreza e promovem desordens em nome de Deus

O grito

que fez o Brasil nascer.

Página 10



Aprenda História de São Paulo decifrando os segredos de uma xícara de café. Um gole de cafézinho tem mais do que aroma e sabor.

Leia as páginas 8 e 9.

Cura Paranormal não é milagre

nem mistério. É

questão de Ciência. Veja

o estudo na Página 3

Max Lúnan Pag 13

TV — O abuso dos programas popularescos com fins comerciais repele a cultura. Página 2

Descuido das universidades deixa a Parapsicologia nas mãos de curiosos, amadores ingênuos e charlatães espertos e gananciosos.

Página 4

Juscelino

cirurgião plástico e terapeuta de massas. Página 15

PASSOS DE DEUS Abalam a terra

do brasil do mundo do cosmos de são paulo do brasil

PESQUISA DA ALMA NA TV

Assessores de Silvio Santos tentaram abrir uma pequena brecha cultural nos seus programas popularescos. Foram longe demais e Silvio se assustou. Inventaram o suplemento Pesquisa da Alma, que devia aparecer das 23 horas em diante, na TV Recorde. Silvio gravou uma entrevista rápida com o Prof. Herculano Pires mas depois recusou-se a leva-la ao vídeo: «assunto muito intelectual, proibido». Chiaroni, chefe da equipe de produção, ainda alimenta esperanças. Foi ele quem idealizou o programa «Silvio Santos Diferente», que está no ar toda sexta-feira, na Recorde, sem nenhuma diferença. O abastardamento da TV no Brasil é problema sério. Impõe-se uma intervenção governamental, como há pouco se verificou na França, para que a TV não se transforme em picadeiro de circo de arrabalde, com finalidade exclusivamente comercial.



Osiro Silveira

ciência coletiva foi atomizada pela era atômica.

Voltamos ao tempo em que a Filosofia se refugiou, na Grécia, nos tonéis do Cinismo, buscando a dignidade humana na vida de cão dos filósofos que a tudo renunciavam. Precisamos de um novo Diógenes com sua lanterna, acesa até mesmo em pleno dia, à procura de um homem. A morte ronda a cainçalha humana, mostrando aos homens a fragilidade da vida, mas eles só pensam no momento que passa, apegados ao imediatismo egoísta, pouco se importando com as consequências dos seus atos. O pragmatismo, do século destruí o respeito às instituições. A idéia de Deus, que segundo Descartes — é a marca do Criador na criatura — apagou-se nos espíritos vorazes que roem como ratos e destroem como bárbaros as mais penosas e nobres construções do passado. Como afirmou Igenieros, quando a maioria rasteja, ninguém tem coragem de andar em pé. Mas nem por isso devemos nos entregar ao desânimo. Todos os que ainda sentem a consciência desperta, o coração oprimido e a dignidade ferida, devem lutar pelo restabelecimento dos valores humanos no mundo, o qual vale dizer pela humanização do homem. A resistência de cada um se conjugará com a dos outros, reerguendo a humanidade do mar de lama e sangue em que mergulhada depois das atrocidades inenarráveis das últimas guerras.

Não podemos continuar nesse ritmo de poluição devastadora, em que nada se imuniza, desde os elementos naturais até as mais elevadas conquistas sociais, morais e intelectuais. Os que ainda não perderam a fé em Deus e em si mesmos, a confiança nos poderes do espírito, precisam unir-se na luta pela humanização do homem. A condição humana desintegrou-se e temos de reintegrá-la para que o homem se restabeleça.

MEDICINA ALÉM DA CIÊNCIA

Lançado na França, por E. Denoell, o livro do Dr. Jacques Michaud, Medicina de Amanhã, de 224 páginas, favoravelmente comentado pela imprensa francesa. Michaud é médico homeopata de renome internacional e autor dos livros Fundamentos Científicos da Homeopatia e Por Uma Medicina Diferente. No livro que acaba de lançar, trata de várias técnicas e processos terapêuticos diversos, como a acupuntura, radiostesia, astrologia medicinal, iridologia, joga, magnetismo, soprologia, psicoterapia para normal e assim por diante. Estabelecendo as relações de semelhança entre esses vários processos, que têm resistido, ao longo dos milênios a todos os avanços científicos, o autor considera o homem como uma parcela específica do cosmos, cuja visão dinâmica ressalta dos paralelismos estabelecidos no seu estudo. O semanário LL'EXPRESS dedica uma página ao aparecimento desse livro.

se preparando para a filmagem de uma novela na zona do Pantanal de Mato Grosso. Vila Guilherme, um bairro que está crescendo promissoramente, tornou-se o Pantanal de São Paulo. Basta chover um pouco para que ruas e praças fiquem inundadas. Não há escoamento de águas. Se a Prefeitura não se lembrar do bairro, a novela poderá ser feita lá mesmo, com todos os bichos dos pantanais de Mato Grosso.

MIRTES CAIU NO BUEIRO

A menina Mirtes, de sete anos, caiu num bueiro da rua Madre Luiza dos Anjos num dia de chuva e foi arrastada pelas águas. Foram inúteis todas as buscas para encontrá-la. Os próprios bombeiros nada conseguiram. O bueiro enorme fica na passagem para uma escola da Prefeitura e para um Posto de Saúde. Mirtes era filha de José Lopes Machado, que tinha nove filhos. Agora falta Mirtes, por falta de uma grade na boca do bueiro., em Vila Macumbé, na Penha. A administração municipal da Penha alega que a grade foi roubada há um mês. E ninguém soube do roubo? Ninguém, se lembrou das crianças que passam por lá em direção à escola nos dias de chuva? Uma garotinha vai às aulas e a enxurrada a carrega como se ela não vivesse numa cidade, numa capital, na maior e mais rica do Brasil. Até quando continuaremos a expor as nossas crianças aos perigos da incúria e do desleixo?

INDÚSTRIA DE HORAS EXTRAS

A denúncia do deputado estadual Osiro Silveira, sobre a existência de que chamou indústria de horas extras na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, e outras irregularidades como nomeações de funcionários ligados aos deputados, não chegou a produzir grande choque na opinião pública. Na situação caótica do mundo atual nada mais assusta a ninguém. Estamos num momento crucial da História, em que os valores da civilização perdem o seu conteúdo de maneira mais galopante que a inflação dos valores monetários. Mais do que nunca necessitamos de uma revisão substancial em grande escala, mas individual e não coletiva, pois o que se costuma chamar de cons-

AS CRIANÇAS DE BEIRUTE CHICO DA SILVA E OS DRAGÕES

A situação do Líbano é simplesmente incrível. Não se pode acreditar no que vem ocorrendo no país dos cedros milenares. O correspondente da revista francesa Point em Beirute informa que os libaneses são imortais. Morrem às centenas e continuam vivos. Só essa hipótese absurda pode justificar uma guerra sem fim num país tão pequeno. E informa que o comércio nunca cessou, o dinheiro jamais parou de circular na capital arrazada. Se falta alimentos, basta mostrar a nota e o alimento aparece. Se os guerreiros cortaram o abastecimento de águas, os moradores reabrem os seus poços milenares. Vão buscar no fundo da terra e no fundo da História o líquido generoso do passado para aguentar o presente. Há sempre um jeito de sobreviver. As crianças de Beirute abandonaram seus brinquedos e andam pelas ruas de armas nos ombros, prontos a abrir fogo a qualquer momento. Uma menina de braço quebrado é tratada em casa sem saber se a casa vai cair ou não. Um garoto de doze para treze anos sai de casa com suas armas e munições. Não vai brincar. Vai atirar de verdade, para matar.

Os dragões fantásticos de Chico da Silva o projetaram nos meios artísticos como o maior pintor primitivista do Ceará. Os dragões são símbolos da terra e Chico os transformou na expressão mais poderosa do seu poder telúrico. Mas além dos dragões Chico gosta de pintar peixes misteriosos, símbolos da água, e galos heróicos, símbolos da madrugada.

Com toda essa riqueza nas mãos, o pintor cearense passou a vida de mãos vazias e acabou desgastado pelo alcool e a fome. Chico sofre de hepatite aguda e tuberculose crônica.

Agravando-se o seu estado de saúde, Chico foi socorrido pelos médicos da EEscola de Aprendizes de Marinheiro, da Marinha, que o tratam com muito carinho. Depois foi transferido para o Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Ceará onde se recuperou, voltando para casa.

A mulher e os filhos deram fim no seu estoque de bebidas. Ele acha duro pintar sem beber, mas vai fazendo o possível. O problema atual, segundo informa seus amigos, é arranjar dinheiro para comprar os remédios de que necessita. Não se poderia fazer alguma coisa em São Paulo a favor de Chico da Silva? Ele não gostou de haver sido internado no hospital como indigente. E com muita razão. Um homem que passou a vida pintando quadros que honram a nossa arte espontânea, sustentando-se a si e à família com o seu trabalho, tem direito a socorro hospitalar mesmo sem dar bola para a burocracia oficial. Precisamos encerrar a era da esmola para os trabalhadores das artes, construtores da nossa maior riqueza, que é a cultura. Chico da Silva pode ser o motivo para isso.

AS CRIANÇAS DE BELFAST

A situação na Irlanda não é muito diferente. No Líbano a guerra é de cristãos e muçulmanos. Na Irlanda é entre os próprios cristãos, católicos e protestantes. Mas dia 13 de agosto findo, sexta-feira, aconteceu uma tragédia que uniu católicos e protestantes no enterro de três crianças, a menor delas de apenas seis meses. Um militante do IRA, Exército Republicano Irlandês, que fugia perseguido por soldados britânicos, apanhou na rua a Sra. Marquie com seus quatro filhos. Três deles morreram na hora e mãe foi para um hospital, sem saber que só lhe sobrarra um dos filhos. Quem sabe se agora, com o sacrifício desses inocentes, os cristãos irlandeses se lembrarão de que pertencem a uma religião que se baseia no Evangelho de Cristo?

O HOMEM E O CÃO

Simão Bolívar foi o grande libertador da América Espanhola continental. Agora aparece um cachorro com o seu nome. É o caso do Pato Donald, nas produções do estúdio de Disney. Os venezuelanos não gostaram disso e protestaram. Os jornais de Caracas publicaram severas críticas a essa invenção dos continuadores de Disney. Reconhecem que o «cão é o maior amigo do homem», como assinala o diário El Nacional. Mas o homem é homem e cão é cão. Quando se trata de um cão verdadeiro, ainda se pode aceitar a coisa como homenagem. Mas um cão fictício, destinado a fazer piruetas ridículas, não tem o direito de usar o nome de um herói das Américas. Resta ver o que farão os produtores de Disney, diante da violenta repulsa da Venezuela. E é claro que outros protestos surgirão dos países hispanoamericanos. Os continuadores da obra de Disney erraram e terão de mudar o nome do cachorro do Pato Donald. Ainda mais essa: Bolívar é um cachorro submetido às ordens de um pato. Essa é demais!

UMA PÉTALA VIOLENTA

Há flores que não se cheiram, flores carnívoras, flores venenosas e assim por diante. Mas nunca se ouviu dizer que uma simples pétala pudesse esbordoar um homem, pôr funcionários de um posto de saúde a correr e quase destruir o posto. Mas foi justamente o que aconteceu na cidade de São Gonçalo, Estado do Rio, a 13 de agosto findo, quando D. Pétala José da Silva, de 35 anos, irritada por não ser atendida como devia, espancou o médico João Félix Gibalíe e quebrou o que pode no posto médico do INPS. Dona Pétala estava armada apenas de um pedaço de pau e ninguém conseguiu detê-la durante duas horas de sua fúria destruidora. Só com a chegada da rádio patrulha ela foi detida. O que teria feito esse médico para irritar uma pétala?

SILVIO SANTOS NO PANTANAL

Os estúdios de Silvio Santos, instalados em Vila Guilherme, no local dos estúdios do antigo Canal 9, estão ameaçados por jacarés, cobras e piranhas famintas. Dizem que os artistas e funcionários estão

OS SUPERTICIOSOS

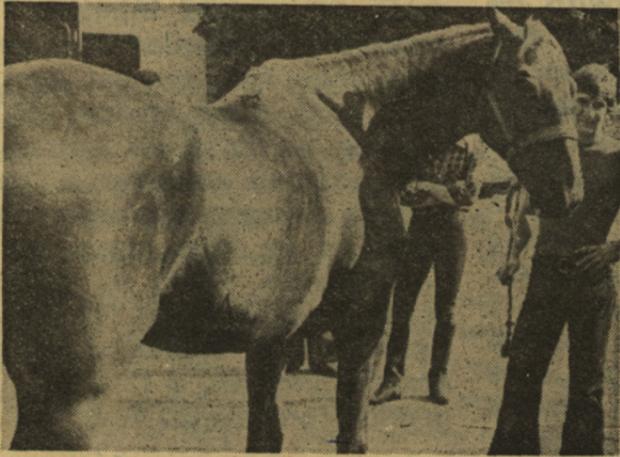
O que mais aterrorizou os deputados, quando o emedebista Osiro Silveira declarou, na tribuna: «Esta casa vai fechar», foi a lembrança que a todos ocorreu, imediatamente, de que estavam na sexta-feira, 13 e 13 de agosto de um ano bissexto. Tudo o que o deputado denunciou depois enraiveceu muita gente, mas o susto foi aquela lembrança. Não faltava nada para completar a receita das bruxas. Os jornais paulistanos acentuaram esse aspecto da denúncia. Teria o deputado Osiro escolhido de propósito o dia mais aziado do calendário para estourar a sua bomba na tribuna? Se escolheu, mostrou-se perigoso estrategista.

CONJUNTO ARMORIAL

Com o legítimo sabor brasileiro, o Quinteto Armorial, de Pernambuco encantou São Paulo com os sons de pifanos, violas sertanejas e instrumentos de percussão. O folclore pernambucano revelou a sua riqueza emocional e rítmica na interpretação de José Madureira, Edson Cabral, Fernando Barbosa, Hélio Vieira do Nascimento e Antonio Carlos Nóbrega. O movimento Armorial é uma promoção de Ariano Suassuna, romancista e dramaturgo pernambucano, atual Secretário de Cultura da Prefeitura do Recife. Armorial é um exemplo para os demais Estados brasileiros.

de são paulo do brasil do mundo do cosmos do mundo

CAVALOS SALVAM A FRANÇA



A França, apesar de toda a glória do seu passado, não conseguiu escapar à onda de desvalorizações do nosso século. Nas Olimpíadas de Montreal os atletas franceses saíram-se mal. Paris-Match não perdoou os representantes gauleses e vingou-se à moda da casa, no gosto finesse de Voltaire. Publicou na capa os quatro cavalos que conquistaram a medalha de ouro de equitação, sob a manchete: «Les Chevaux ont sauvé l'Honneur». Na notícia de texto, Michel Roche é citado como «Um dos quatro mosqueteiros dessa equipe francesa de equitação». Ontem, as glórias da França eram conquistadas a golpes de inteligência, no fulgor incomparável do espírito gaulês. Agora, salvou-se com as patas de seus cavalos. Uma consolação para nós, que estivemos mais pesados que os cavalos de França.

MARTE: SURPRESAS

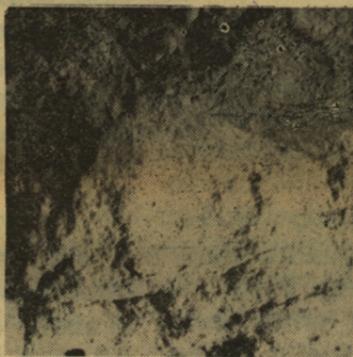
As fotos da Viking-1, pousada em Marte, e seus dados sobre as reações químicas do solo marciano, continuam surpreendendo e aturindo os cientistas norte-americanos de Pasadena. Em substituição aos famosos canais de Marte, que sugeriram no passado a existência de grandes obras de engenharia no planeta, aparecem agora inexplicáveis sinais de terreno arado, com seus sulcos característicos. Os cientistas, que não puderam explicar os jatos de oxigênio, em grande quantidade, nas reações químicas do solo, provocadas no laboratório automático da sonda especial, também não conseguiram explicação para os sulcos de arados. E esperam, ansiosos a sonda pioneira, enquanto a Viking-2 aterriza com a possibilidade de obter fotos e dados ainda mais surpreendentes. Ao mesmo tempo, nova sonda, a Viking-3, está sendo lançada, com aparelhagem dotada de maiores recursos para investigações no solo do planeta.

Ante as surpresas de Marte, Harold Klein, biólogo-chefe da equipe de cientistas de Pasadena, declarou que é muito difícil aos cientistas interpretar os fenômenos do solo marciano, planeta cujas condições gerais não conhecemos. Não estamos em Marte e não temos nenhuma experiência do ambiente marciano e da marcilogia (equivalente à geologia terrena).



Chão de Marte

PRIMEIRO A LUA



Rochas da Lua

A URSS lançou o Luna-24, aparelho destinado a ampliar e aprofundar pesquisas do solo lunar. Segundo a Agência Tass, essa nova sonda especial está equipada de instrumentos que lhe permitem testar com eficiência vários mistérios do solo do satélite, cuja decifração interessa à própria solução de problemas da geologia terrena. O Luna-24 funcionará em conjugação com as pesquisas do laboratório espacial soviético em órbita da Terra. O laboratório é tripulado, mas o Luna-24 é um aparelho mecânico não tripulado e controlado da Terra pelo Centro de Pesquisas Espaciais da URSS.

É evidente que os soviéticos colocaram a Lua em primeiro lugar no seu programa de pesquisas cósmicas, depois de já haverem lançado sondas à Marte e Júpiter. Nos meios astronômicos norte-americanos, segundo informam revistas francesas, pergunta-se qual o motivo dessa preferência pela Lua. Seria a falta de condições da astronáutica vermelha para disputar com os Estados Unidos a conquista do planeta vermelho? Ou seria a intenção, ditada pela praxis marxista, de manter a pesquisa russa no âmbito dos interesses imediatos da Terra?

Mas, nesse caso, por que o Luna-24 não leva tripulação? Acredita-se que os russos ainda não se refizeram do pesado golpe sofrido, com repercussão popular negativa, da morte cósmica de seus três astronautas, na Sayut que voltou do cosmos com os três cadáveres.

Vários leitores reclamam de MENSAGEM uma explicação do que chamam de o mistério ou o enigma de Uri Geller. Na verdade não há mistério nem enigma. Uri Geller é um caso de paranormalidade de efeitos psíquicos, ou seja, de ação da mente sobre a matéria. Um caso relacionado com o campo da Psicocinesia, que por sinal vai hoje bem explicado em nossa seção de cursos populares. O leitor José Augusto Neves, de Salvador (Bahia) pergunta-nos por que motivo não tratamos o caso com a devida seriedade. Acha que ao invés de esclarecê-lo preferimos «fazer piadas com o moço». Acontece que Uri Geller apresentou-se em São Paulo, como em numerosas outras oportunidades, não como um paranormal, mas como um showmen leviano inconsequente, travestido de possível missionário de «uma luz divina», que lhe dá o poder estranho de entortar talheres e consertar relógios. Nunca se pode saber, nessas circunstâncias, o que há de verdadeiro ou de falso nas atividades de paranormal. Demos a explicação possível do seu caso, sem esquecer os aspectos pitorescos da sua apresentação.

Há mais de um século, antes das atuais pesquisas parapsicológicas, já a Ciência Espírita tratava desses fenômenos, investigando-os como fenômenos de defeitos físicos e explicando as suas causas e as suas leis. Ao leitor Geraldo José Ferazin, da Lapa (S. Paulo) que nos pergunta se os fenômenos são produzidos pela força mental de Uri Geller ou por entidades espirituais que dele se servem, respondemos que a explicação espírita, em meados do século passado, como a parapsicológica, hoje, refere-se aos dois casos. O homem é um espírito encarnado, dotado de todos os poderes do espírito. A mente não é material, mas espiritual, e se serve do cérebro como o seu instrumento de manifestação. O que se chama de animismo, na Ciência Espírita, é precisamente a manifestação da alma do médium, que pode produzir fenômenos físicos por si mesmo ou dar comunicações mediúnicas provenientes do seu próprio inconsciente, muitas vezes numa forma de catarse profunda, em que uma personalidade de sua encarnação anterior se revela, dominando-lhe a consciência atual. O animismo não é, como geralmente se pensa, um aspecto negativo do fenômeno espírita, nem uma



Uri Geller e D. Carmem Marinho

forma de mistificação, mas em geral a emersão necessária de uma personalidade anterior que prejudica a personalidade atual com suas cargas emocionais de outros tempos. Uma catarse muito mais profunda do que as descobertas por Freud no campo da Psicanálise.

Uri Geller é realmente um paranormal ou médium, pode agir por sua própria vontade e através do seu poder mental na produção de fenômenos físicos. Mas o uso que passou a fazer desses fenômenos o leva a caminhos bastante perigosos. O médium que se exhibe em público não pode falhar para não se desmoralizar. A vaidade ou a necessidade pode então leva-lo e realmente o leva a simular fenômenos. Por isso o Espiritismo exige a gratuidade absoluta das funções mediúnicas. O médium pago ou endeusado torna-se presa fácil da vaidade e da ganância, aviltando suas faculdades e levando o ridículo e o descrédito ao campo das investigações científicas e das atividades consoladoras da verdade espírita. Acaba servindo de instrumento a entidades inferiores e perturbadoras.

Os anais da pesquisa espírita no mundo registram incontáveis quedas dolorosas de médiuns invigilantes, desconhecedores da responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros. Nenhum pesquisador sério e desinteressado, espírita ou parapsicólogo, pode incentivar ou promover essas exibições perigosas, pois deve conhecer as consequências. A pesquisa dos fenômenos paranormais exige, como ensinou Kardec, o mais elevado senso de responsabilidade dos que a ela se entregam, pois lidam num campo minado pelas fascinações do amor próprio e da ganância. Quem não dispuser de elevada compreensão do problema e dos riscos que enfrenta, é melhor não se aventurar nesse

campo. Como toda pesquisa científica, e mais pesadamente que no plano material, a pesquisa paranormal implica deveres e responsabilidades graves. Entre nós, entretanto, a vaidade e a irresponsabilidades predominam, estimulando a charlatanice e a exploração vulgar.

Todos os esforços feitos por pessoas sérias para a criação de um centro de estudos e pesquisas paranormais no Brasil foram frustrados. A proliferação de parapsicólogos malabaristas, desprovidos da mínima capacidade científica e até mesmo do mínimo senso dos seus limites, mergulhou o problema num clima de desconfiança e ridículo. A Parapsicologia se transformou em charlatanice de papaiques, gabolice de pseudocientistas ansiosos por brilhar aos olhos dos paspalhos. Os que resistiram a essa onda deformante acabaram se retirando do campo de lutas, preferindo manter-se a distância e conservar-se desligados da confusão, sem com isso deixarem de advertir o público contra as fanfarronices em voga.

A presença de Uri Geller no Brasil, ao invés de abrir possibilidades para uma renovação desse panorama sombrio, só fez contribuir para turbá-lo ainda mais. Uri Geller insistiu, nas suas exibições públicas, em apresentar fenômenos comuns, vulgares, como inexplicáveis pela Ciência. Nenhum dos responsáveis pela sua presença veio a público explicar que ele é um insciente, um simples sujeito-paranormal, objeto de investigação e não investigador. A imagem da Parapsicologia ficou reduzida a mágica teatral e circense de entortar colheres e fazer concorrências aos relojoeiros. Cometeríamos um crime se quiséssemos incentivar essas deformações. Tínhamos de mostrar Uri Geller como ele é. Nada mais que isso.

Editorial

MARTE

Não sabemos o que se passa nos bastidores de Pasadena, onde dezenas de fotografias de Marte, enviadas pela Viking-1, estão sendo analisadas pelos cientistas norte-americanos. Bem pouco se tem divulgado a respeito, o que se justifica pela reserva natural dos homens de ciência, que pela primeira vez examinam tão abundante radiografia de um planeta situado a 340 milhões de quilômetros da Terra. Mas esse pouco foi suficiente para mostrar a importância desse documentário celeste sobre o planeta mais ligado a nós desde os tempos mais remotos.

Até agora, a principal questão era a da existência ou não de alguma forma de vida em Marte. Já agora a situação se modifica. Depois da verificação da presença de oxigênio no planeta vermelho e da intrigante imagem de possíveis sulcos de arado em vastas extensões do solo, volta-se a falar com insistência na possibilidade de existir em Marte vida humana e até mesmo a lendária civilização de alguns ficcionistas. Teriam as fotos da Viking-2 enviado a Pasadena imagens ou dados que autorizem essa suposição? Algumas publicações se referem a mensagens mediúnicas e livros da mesma origem que descrevem uma supercivilização marciana, com pormenores impressionantes a respeito.

Essas informações contrariam as recebidas por Kardec, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, em que Marte é apresentado como o planeta mais inferior do nosso sistema solar, dispondo de atmosfera, água e vida, mas extensas regiões áridas e apenas com um esboço de vida humana primitiva, em situação bastante inferior à dos pigmeus africanos. E é bom lembrar que Kardec não aceitava comunicações dessa espécie como válidas, mas apenas curiosas, pois a Ciência Espírita, como sempre sustentou, só tinha por objetivo o Espírito, suas manifestações positivas na Terra e suas relações com os homens. Por outro lado, Kardec sempre insistiu na tese de que os Espíritos não podem antecipar as conquistas humanas no campo científico, o que representaria uma interferência indebita e prejudicial no trabalho dos homens. Essa posição metodológica do Espiritismo nunca foi suficientemente compreendida pelos adeptos da doutrina, que sonham até hoje com mirabolantes revelações sobre questões de competência e interesse evolutivo dos próprios homens.

Assim, os que pretendem antecipar as descobertas científicas através de revelações mediúnicas estão simplesmente enganados. O Espiritismo admite, desde o seu início, a pluralidade dos mundos habitados, mas jamais fixou como princípio doutrinário que este ou aquele mundo do nosso sistema solar esteja nestas ou naquelas condições. Mesmo no tocante às comunicações de Mozart e Bernard Palissy, sobre Júpiter, a posição espírita de Kardec foi de reserva e expectativa. As revelações dos Espíritos só foram aceitas por Kardec como referências possíveis, sob rigorosa dependência de comprovações objetivas no futuro. A Ciência Espírita não se funda em informações espontâneas, mas em fatos comprovados experimentalmente.

O livro do momento:

Agonia das Religiões

de S. Herculano Pires
nas livrarias

SERMÃO AOS PATRIOTAS

Frei Guido de Catânia

Neste mês de Setembro os patriotas brasileiros encham o peito de justíssima ufania. Bem sabeis que não sou brasileiro, mas italiano de Catânia, o que vale dizer Siciliano, homem curtido pelo fogo do Etna, que sempre nos lembra o fogo do Inferno. Por isso mesmo aprendi a ser patriota sem ser jacobino, a me lembrár de que todos somos irmãos, filhos do mesmo e único pai, que é Deus. Jesus era judeu e não ensinou o caminho do céu só aos judeus, mas ao mundo. Pois os homens formam as pátrias, constróem as nações, riscam fronteiras, mas Deus nos fez a todos do mesmo barro e Jesus Cristo Nosso Senhor mandou Pedro e Paulo pregar às nações gentias a sua boa nova. Nós, de Catânia, temos sofrido com as lavas do Étna, mas elas nos ensinaram a lançar sobre os homens o fogo do amor, que é o mais quente e mais terrível de todos os fogos.

Neste mês da Independência do Brasil estou convosco, irmanado ao vosso júbilo e à vossa ufania. Quero pois vos dizer, como irmão em Cristo e companheiro de vivência brasileira: amai muito a vossa Pátria, esse coração geográfico e generoso, que a todos acolhe com amor. Mas amai também as Pátrias dos outros, como eu amo a vossa, pois nelas nasceram e vivem os vossos irmãos filhos de Deus. Meu muito saudoso irmão, amigo e companheiro Giovanni Papini, que escreveu o famoso livro *IL DIAVOLO*, revelando seu amor pelo Diabo, sempre me dizia que o Diabo deve amar e defender o Inferno, que é o seu reino e portanto a sua Pátria. Compreendi então que o Diabo não é tão diabólico como pensam, pois se quer levar a nós todos para lá, é por achar que lá é bom lugar para se viver. Tanto é assim, que o Diabo tentou o próprio Jesus, querendo certamente melhorar a sua Pátria com a presença do Senhor. Não me chameis de hereje por isso. Também o Padre Chardin, que hoje todos admiram, afirmou que o Diabo não foi expulso do PLEROMA, o Corpo Místico de Deus, mas apenas posto de lado, como um menino de castigo, para se corrigir.

E quem de nós não precisa ser corrigido, por mais cristão que seja? Papini quase foi excomungado e eu com ele, mas depois nos entenderam, como acabaram entendendo Chardin.

Não ensinou Jesus que devemos amar os nossos inimigos? E por acaso é inimigo quem nos quer levar para viver com ele em sua Pátria? Amai, pois, meus irmãos, até mesmo aqueles patriotas de outras pátrias que possam ameaçar a vossa. O Império Romano queimou cristãos e atirou-os às feras, mas acabou se convertendo. Paulo de Tarso odiou Jesus e combateu os cristãos, matou Estevão em lapidação cruel, mas acabou pregando o Cristo a judeus e gentios com imenso amor por todos.

Pensai nisto. Se todos os homens se amassem não haveria guerras, nem torturas, nem inimizades. Se todas as Pátrias se respeitassem e se amassem, o Reino de Deus já estaria instalado na Terra. Sede patriotas verdadeiros e cantai louvores a D. Pedro I, que foi o primeiro a vos ensinar o que vos prego neste sermão. Pois não era ele português, herdeiro do Reino de Portugal, e não mostrou o grande amor que tinha pelo Brasil?

O Cristo nos trouxe uma visão da vida, que até agora não aprendemos. Ensinou-nos que todos os homens têm uma Pátria comum, que é a Pátria do Céu. Já pensastes na vossa vergonha quando, chegando ao Céu, o Cristo vos perguntar: «Que fizestes da Pátria de vossos irmãos?»

Há criaturas que não compreendem isso e querem que as Pátrias se acabem ou se fundam numa só. Há os que renegam sua Pátria e se dizem cidadãos do Mundo. Ora essa, cidadãos do Mundo somos todos, enquanto estamos nele. E isso não nos impede de sermos cidadãos de nossas Pátrias. Esses extremistas querem tudo ou nada, mas Deus nos pôs um limite às nossas ambições desmedidas. Papini dizia, e com razão, que a Pátria é o lugar em que nascemos e crescemos, onde deixamos enterrado o nosso umbigo e onde vivemos com as criaturas amadas às quais Deus nos ligou pelo nascimento. Como italiano e siciliano venero Mazzini, Cavour e Garibaldi, que fizeram a unidade italiana, mas não me esqueço de Anita, a heroína brasileira que ajudou o marido na luta por essa unidade. Anita Garibaldi me liga ao Brasil. Ligai-vos à Itália. Em Catânia temos bom vinho e o meu maior desejo é que o próximo Papa seja brasileiro.

DESCUIDO DA UNIVERSIDADE

Desde de 1940 a Parapsicologia foi considerada ciência oficial nos principais centros universitários do mundo. Mas no Brasil, até hoje, nossas Universidades não trataram de enquadrá-la em seus sistemas curriculares, como o último ramo das Ciências Psicológicas. Aproveitando-se desse descuido — que nos vale 30 anos de atraso

nessa área científica — curiosos de todas as procedências, amadores ingênuos e, o que é pior, espertalhões gananciosos encheram o Brasil de pequenas instituições improvisadas, sem nenhuma condição científica, e passaram a dar cursos da nova ciência, com distribuição de diplomas e certificados. Até clínicas parapsicológicas já

surgiram. E agora ainda se anuncia um congresso internacional de Parapsicologia, que não é promovido por nenhuma Universidade nem tem o patrocínio de nenhuma delas. Que papel vamos fazer perante o mundo, senão dispomos de condições mínimas para uma realização dessa ordem?

cursos populares de mensagem cursos populares de mensagem

Parapsicologia

O que é psicocinesia

A expressão Psicocinesia foi criada para designar ação da mente sobre a matéria. Não se fala psicocinesia, com acento no e, que é errado. A pronúncia certa é psicocinesia, com acento no penúltimo i da palavra. O fato de se falar amnésia leva muita gente a pronunciar errada a expressão psicocinesia. Também amnésia está errada, mas consagrou-se pelo costume generalizado de pronuncia-la assim. Mas um erro não justifica outro e em ciência devemos manter as pronúncias certas. Esta expressão não indica propriamente um fenômeno, mas o fato de que mente pode agir no exterior do corpo, da mesma maneira que age no interior. Vejamos como se dá a ação psicocinética no interior do corpo e fora do corpo. (Nesta palavra — psicocinética — que é um adjetivo, o acento cai no é).

Pensamos em erguer um braço e ele se ergue, obedecendo a uma ordem dada aos músculos. Essa é uma ação psicocinética interna. Pensamos em movimentar um objeto à distância, sem pega-lo, sem tocá-lo de maneira alguma, e ele se move, obedecendo ao nosso poder mental. Essa é uma ação psicocinética fora do corpo. Não obstante, há uma ligação invisível entre a nossa mente e o objeto movido, como há uma ligação invisível entre o nosso aparelho de rádio e a estação que irradia o programa que ouvimos. Essa ligação, no caso da mente, é de natureza psíquica, e como ela move um objeto, é cinética. A palavra cinesia quer dizer movimento. Vejamos a formação da palavra psicocinesia: psico-cinesia. Psico quer dizer ação mental que é psíquica; cinesia quer dizer movimento do objeto, que é material. Temos assim a explicação do termo como ação do psiquismo sobre a matéria de maneira direta, sem ser através dos órgãos do corpo.

Estranhamos essa ação porque não estamos acostumados com ela. Não estranhamos a ação interna da mente porque ela ocorre de maneira contínua em todos os nossos movimentos. Estamos de tal maneira habituados a erguer ou baixar os braços, mover os dedos e andar, que esses fenômenos não nos assustam, não chamam a nossa atenção. Foi necessária a evolução das Ciências Físicas para que pudessemos compreender a ação da mente sobre a matéria, fora do corpo. Hoje não há mais dúvidas a respeito. Apesar de algumas oposições de pessoas sistemáticas, a verdade é que as experiências científicas da Parapsicologia provaram a existência da psicocinesia. A maioria absoluta dos parapsicólogos de verdade, homens de Ciência, credenciados pelo saber e a experiência de laboratório, admite hoje que a psicocinesia é a própria mecânica da vida. Graças a ela é que movimentamos o nosso corpo. Mas a ação psicocinética não se limita a movimentos visíveis e sensíveis. Ela é mais sutil e complexa do que geralmente se pensa. Quando vemos alguma coisa, o fato de ver é também uma ação psicocinética. Nossos olhos agem sobre o que vemos através do olhar, que capta, apanha o objeto visto. Ao mesmo tempo, o objeto age sobre o nosso sentido visual, impondo-lhe os seus contornos, a sua figura e as suas dimensões. Há, portanto, na ação psicocinética um processo dialético entre a nossa capacidade de percepção e a capacidade do objeto de agir sobre a nossa percepção. Dessas duas ações, a do olhar e a do objeto, resulta a síntese do ato perceptivo. E todo o processo fisiológico (cerebral) da captação da imagem do objeto, resulta, no ato mental (psicológico) de identificação do objeto em nossa razão.

A psicocinesia, ao produzir a movimentação de um objeto à distância, sem contacto de pessoas ou instrumentos, não produz um milagre, mas apenas um fenômeno incomum, não habitual, mas perfeitamente entrosado em nosso sistema de captação e domínio da realidade exterior. As pesquisas metapsíquicas provaram a existência de uma energia orgânica expelida pelo sensitivo para movimentar o objeto. Crookes chamou essa energia de força psíquica. Pesquisas atuais de físicos e biólogos soviéticos comprovaram a existência e a atividade dessa força.

Espiritismo

Exorcismo e doutrinação

Começamos este capítulo repetindo o trecho final do capítulo 2, que saiu empastelado no número anterior. Deve-se lê-lo assim: «Quem não dispõe de coração limpo e cheio de amor pelos semelhantes, de uma consciência tranquila e do desejo legítimo de servir com humildade, não deve dirigir sessões mediúnicas.»

Essa regra é fundamental, porque os espíritos não se iludem com as aparências, percebem o fundo de nossos pensamentos e sentimentos. São criaturas humanas desprovidas de corpo material e não apenas nos vêem, mas nos sentem como somos. A sessão é uma simples reunião de pessoas de boa vontade, em nome de Deus, sem nenhum aparato nem vestes especiais, uma reunião mental. O que vale para os espíritos é o pensamento, a intenção e o sentimento dos homens. Nenhum ingrediente ou objeto material tem efeito sobre os espíritos. Nenhuma fórmula de palavras ou de gestos tem significação. Nenhuma maneira de colocar as mãos sobre a mesa ou de postura especial na mesa tem qualquer valor. Todo formalismo é inútil e torna ridícula a sessão espírita, que deve ser séria e natural.

A sessão espírita comum é um ato religioso, pertence ao aspecto religioso do Espiritismo e não à Ciência Espírita. As sessões científicas são de pesquisa dos fenômenos e requerem elementos capacitados, conhecedores da Ciência Espírita e desprovidos de vaidade e pretensões absurdas. Quem quiser fazer sessões científicas deve estar intelectualmente preparado para isso e moralmente investido de humildade e elevada capacidade de discernimento e compreensão dos objetivos do Espiritismo. Essas sessões devem realizar-se em instituições científicas e não religiosas. O Espiritismo une a Ciência à Religião, mas não quer misturá-las.

O objetivo principal das sessões religiosas é a doutrinação das pessoas presentes e dos espíritos sofredores e obsessores. Doutrinar é dar esclarecimentos através da doutrina. O doutrinado ou doutrinadores devem conhecer a doutrina e encarar os espíritos como criaturas necessitadas de amor e compreensão, por mais rebeldes que eles se mostrem. Os atos de violência e a irritação por parte do doutrinador revelam a sua incapacidade para doutrinar. A sessão espírita é um ato de amor.

Jesus expulsava espíritos rebeldes e cruéis porque tinha autoridade moral e espiritual para fazê-lo. Esses espíritos eram entregues às entidades espirituais que acompanhavam Jesus e os encaminhavam no plano espiritual. O doutrinador pode e deve usar de energia em caso de necessidade, mas sem nenhum sentimento de rancor. Quanto mais violento e rebelde o espírito inferior, mais piedade merece e de mais amor necessita. O fracasso do exorcismo, na maioria absoluta dos casos, provém da falta de compreensão desse problema. O exorcismo é prática antiquíssima, vem da magia dos egípcios, caldeus e outros povos antigos. Serve-se de objetos materiais (considerados sagrados) de ingredientes materiais e de processos violentos, tratando o espírito como diabólico. A doutrinação espírita não utiliza nada disso. É um processo de persuasão, de despertamento dos bons sentimentos do espírito obsessor e de seu encaminhamento na compreensão de sua situação e sua natureza humana.

Os casos graves de obsessão exigem sessões especiais para o seu tratamento. Essas sessões devem ser realizadas com poucas pessoas e médiuns reconhecidamente humildes e bem intencionados. Médiuns vaidosos e orgulhosos não devem participar de sessões especiais de desobsessão. A confiança em Deus e na ação dos bons espíritos deve animar a todos os participantes. Num ambiente assim, de fé e amor, os trabalhos produzem efeito surpreendentes. Mas é fundamental que o obscedado queira realmente livrar-se de suas perturbações e modificar a sua conduta.

Os participantes dessas sessões devem ler e estudar constantemente as obras de Kardec, particularmente O Livro dos Médiuns e O Evangelho Segundo o Espiritismo, não se iludindo com livros inovadores e métodos preciosos que atualmente se divulgam no meio espírita.

cursos populares de mensagem

Educação da era Cósmica

As dimensões humanas

Repetimos o trecho final do capítulo 2, que saiu empastelado na edição anterior: «O ceticismo dos últimos tempos vai dando lugar a um despertar de novas e grandiosas esperanças. A Educação da Era Cósmica começa a nascer. E os educadores começam a perceber que precisam renovar os processos educacionais, em face das novas exigências de um novo mundo.»

O homem não é mais o bicho da terra, tão pequeno, da expressão de Camões Tornou-se capaz de voar mais alto que as águias e de lançar-se além da atmosfera terrena para conquistar os astros. Sua penetração no Cosmos coincide com a descoberta de suas novas dimensões. Seus sentidos romperam o condicionamento orgânico, graças ao reconhecimento científico da percepção extra-sensorial. Sua condição espiritual foi comprovada em pesquisas e experiências de laboratório. A morte deixou de ser o fim da existência para ser apenas a passagem de uma dimensão da existência para outra. Nos maiores centros universitários do mundo provou-se a sobrevivência do homem após a morte física. Os próprios físicos e biólogos soviéticos, materialistas, descobriram com surpresa que o homem possui um corpo energético, a que deram o nome de corpo-bioplásmico, por ser a fonte da vida, constituído de um plasma físico de partículas atômicas.

A educação condicionadora da primeira metade do século, que voltara às formas antigas de integração social num determinado regime político, de maneira asfixiante e deformante, ressurgiu na liberdade das novas e avançadas teorias pedagógicas. Educar não é mais condicionar ou domesticar, mas preparar para uma civilização em mudança, segundo a expressão de Kilpatrick. Todos aqueles que militam no campo da Educação precisam compreender essa transformação. Professores de todos os graus do ensino devem atualizar-se no tocante à compreensão de que estamos entrando numa era nova, numa civilização que se abre para a visão cósmica do mundo, ao mesmo tempo que o conceito do homem se alarga e se enriquece.

Querer formar os educandos de hoje nos moldes da educação clássica ou da educação moderna, leiga e materialista, equivale a negar-lhes os estímulos educacionais. Insistir na educação religiosa de tipo medieval é sufocar-lhes as aspirações e frustrar-lhes as esperanças de uma nova era, estimuladas pelos meios de comunicação de massa. As notícias sobre as novas descobertas científicas, as conquistas da astronáutica, o problema da antimatéria e as experiências parapsicológicas tornam inúteis as tentativas de condicionamento das novas gerações a conhecimentos superados. As escolas precisam adaptar-se ao ritmo do desenvolvimento cultural do nosso tempo, informando quanto às novas perspectivas abertas pela evolução cultural e tecnológica e sua influência nos costumes, nas atividades práticas, no comportamento social e assim por diante. A formação moral e espiritual tem de corresponder às exigências da razão, que naturalmente se sobrepõem aos tabus e preconceitos hipocritas do passado, afastando a mentira e estabelecendo o primado da verdade. Sem essas medidas de atualização a revolta da juventude a levará cada vez mais ao desespero e à alienação, sacrificando as mais promissoras inteligências nos excessos da reação, no desvário dos tóxicos e na fuga pura e simples a todas as formas de responsabilidade.

Os problemas da paranormalidade devem ser encarados na sua realidade inegável, evitando-se urgentemente do aproveitamento e orientação das manifestações paranormais, queiram ou não queiram as religiões enquistadas no sectarismo desumano. A maioria dos desequilíbrios atuais da juventude provém da falta de adequação das disciplinas escolares e da moral convencional ao espírito das novas gerações, que não pode conformar-se com os padrões antiquados de uma concepção do mundo que nos levou aos horrores da segunda conflagração mundial, à poluição da natureza, à pornografia erigida em elemento estético, à loucura dos sequestros e do terrorismo. As dimensões humanas da Era Cósmica exigem uma educação de dimensões cósmicas, aberta para um novo Humanismo realista.

ÇÃO GLOBAL

Sampaio Doria

«Vislumbro perspectiva muito inquietante quanto ao futuro das «grandes cidades» — declarou-nos o presidente Sampaio Doria, da Câmara Municipal de São Paulo, — se medidas urgentes não forem tomadas para impedir que elas se transformem em bolsões de convulsão social. Estou mantendo com as autoridades federais (principalmente com os presidentes do Senado e da Câmara) no sentido de alertá-las e encontrar auxílio para a solução desse grave problema. Principalmente no tocante a São Paulo, a qual diretamente me ligo por mandato parlamentar. Considero a socialização de medicina como uma solução, se encarada e aplicada como medida prioritária. O problema é de criação de infraestrutura atualizada, para abranger todas as questões correlatas de uma só vez.

A população paulistana está carente de melhor atendimento nesse setor de tanta importância; **E TAMBÉM EM OUTROS SETORES VITAIS;** tenhamos em conta sérios problemas de transporte e educação. Felizmente já se esboçam entre nós realizações auspiciosas. A administração atual enfrenta a situação que herdou do passado e procura modificá-la. As dificuldades são numerosas, abrangendo questões complexas, como a explosão demográfica, as condições precárias de vida. Precisamos melhorar a qualidade de vida das populações em todos os setores, como o de moradia, de segurança e de garantia quanto aos direitos humanos. Precisamos de recursos para atender as obras de infra-estruturas. O município da capital cresce numa proporção de 5 por cento ao ano, com o seu crescimento vegetativo aumentado pelo fluxo de imigrantes. Paralelamente, a receita tributária decresce. Esse

fenômeno ocorre também no âmbito estadual. Isto quer dizer que, sem a política de racionalização demográfica, para todo o país, e portanto do âmbito federal, as medidas municipais não surtem efeitos. A verdade é que vivemos numa situação anômala, criada ao longo dos anos. O grande desafio ao poder público é o disciplinar o crescimento das grandes cidades, impedindo o seu desenvolvimento caótico, que cria situações contrárias à dignidade do ser humano, com a degradação do meio social e ambiente. Podemos dizer que o processo de implantação do sistema de especialidades médicas, para atendimento da população, está ainda em sua fase embrionária. A matéria é complexa e exige estudos cuidadosos. No que depender da Câmara Municipal de São Paulo, tenho a certeza de que tudo será feito. O Secretário de Higiene e Saúde da Prefeitura tem feito o possível no desempenho das atribuições da sua pasta. Deixo aqui apenas algumas sugestões. Mas a verdade é que precisamos modificar as estruturas arcaicas, incapazes de atender aos desafios do presente, e isso com homens capazes de executar um plano de ação global, para atender aos anseios do povo de nossa terra.



Sampaio Dória: criar estruturas.

Poluição nas praias da França

Começa em Paris a luta contra a poluição das praias francesas, tradicionalmente procuradas por banhistas de todo o mundo. A revista Parus Mateh, em seu último número, levantou a cortina que encobre as preocupações do governo. Segundo revelou o repórter Philippe Alexandre, o problema tem sido tratado sob reserva e só agora chegou ao Conselho de Ministros nos Campos Elísios. Os banhistas locais e de fora banham-se nas águas poluídas ignorando os perigos a que se expõem. Graves problemas econômicos e financeiros retiveram até agora o estouro da poluição nas praias elegantes da França.

Jacques Chirac, primeiro ministro, declarou ao repórter, com aprovação de Giscard d'Estaing, que o governo tem obrigação moral de

restabelecer a pureza e a segurança das praias. Levantou mesmo os aspectos humanos e jurídicos da questão, lembrando que as praias pertencem ao povo e estão envenenadas por proprietários particulares. O direito popular às praias tem de ser assegurado pelo governo, que é o poder constituído precisamente para salvaguardar direitos populares. O mercado imobiliário deve ser contido no seu avanço sobre áreas litorâneas, as indústrias poluidoras afastadas do mar, os navios impedidos de poluir águas litorâneas.

Essas ponderações iniciais do debate sobre a poluição, na França, fornecem elementos importantes para a batalha antipoluidora que travamos no Brasil. A tradição humanista francesa coloca o problema em termos de direitos

SECRETÁRIO QUER ACELERAR SOCIALIZAÇÃO DA MEDICINA

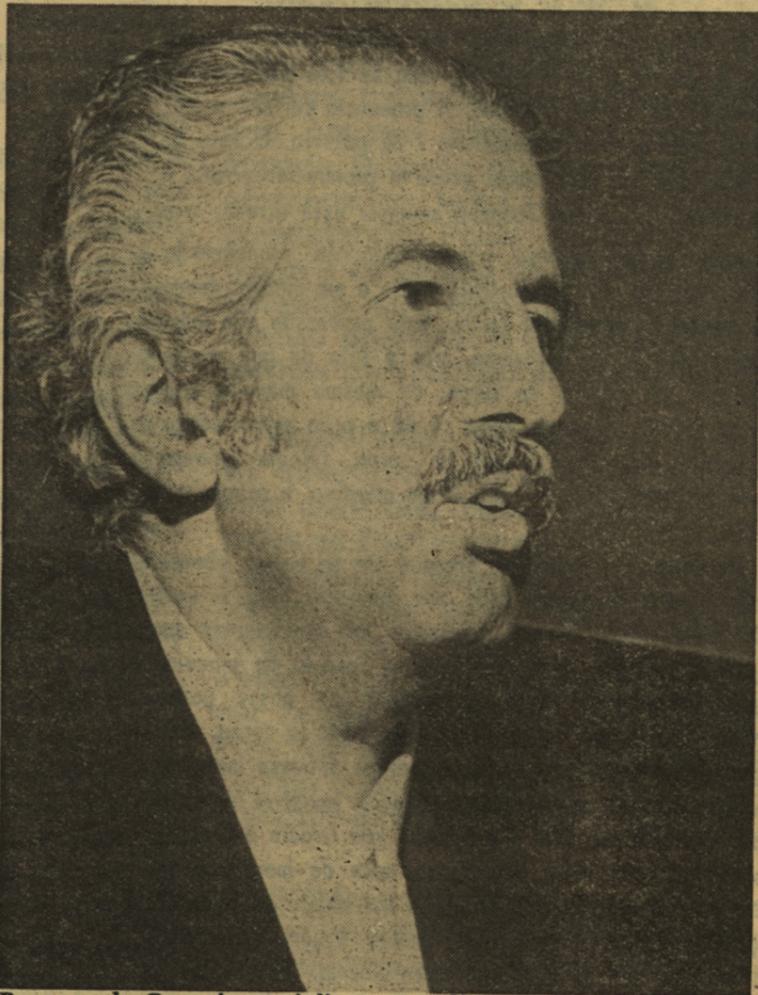
Numa metrópole gigantesca como São Paulo, cuja área total, abrangendo os municípios limítrofes, cujas divisas desapareceram nas interligações urbanas do asfalto, os problemas sanitários se agravam dia a dia. A grande São Paulo conta hoje mais de 9 milhões de habitantes. Procuramos ouvir, sobre essa questão, o Dr. Fernando Proença de Gouveia, Secretário de Higiene e Saúde da capital, que nos atendeu em seu gabinete de trabalho e prontamente respondeu as nossas perguntas. Levantamos inicialmente a questão da medicina, a que deu a seguinte resposta:

— A socialização da Medicina é um processo de evolução natural em nosso meio e que nos parece irreversível, ante as exigências crescentes da grande maioria da nossa população.

— É mister que haja uma conscientização dos poderes públicos e privados a respeito, a fim de nos aparelharmos convenientemente para proporcionar uma assistência médica-hospitalar e médico-sanitária de boa qualidade, perfeitamente integradas em nossas atividades. Só assim poderemos atingir o objetivo comum, que é o bem-estar físico e moral de todos os cidadãos. Particularmente a parcela de população menos favorecida, do ponto de vista sócio-econômico, e a que mais necessita dessa assistência ampla e eficiente que temos em vista.

MEDICINA PREVENTIVA

O Dr. Fernando Proença de Gouveia considera a medicina-preventiva como a real solução dos nossos graves problemas médico-sanitários, paralelamente ao desen-



Proença de Gouveia: socializar a medicina.

volvimento da medicina-curativa.

E através da vacinação — declara — que reduziremos verdadeiramente a propagação das doenças infectocontagiosas. E é com o saneamento que poderemos diminuir a incidência das gastroenterites. E é com a educação que teremos menor ocorrência de todas as doenças e de acidentes, particularmente no caso, entre nós alarmante, dos acidentes de trânsito.

DEFICIÊNCIA DE HOSPITAIS

O ambiente de trabalho no gabinete do Secretário de Higiene

e Saúde do município era intenso. Nossas perguntas foram respondidas às pressas. Mas o Dr. Proença de Gouveia fez questão de encerrar o encontro com MENSAGEM tecendo considerações sobre a situação hospitalar da metrópole. Encarecendo novamente a necessidade de providências urgentes para melhor atendimento da população, lembrou que estamos em situação hospitalar deficiente. A demanda de lugares nos hospitais é muito maior que a possibilidade de atendimento. Além disso, o custo operacional dos nossos hospitais é incomparavelmente superior o custo da prevenção das doenças.

A. Terenzi

PROJETOS E DECORAÇÕES

LANÇAMENTOS EM OFERTA

DE ESTOFADOS EM

VELOCRIL

AV. ADOLFO PINHEIRO, 1037

Fone: 247.5573 — Santo Amaro

A CURA PARANORMAL

Os milagres do passado são hoje fenômenos explicados pela pesquisa científica. Os taumaturgos são indivíduos dotados de faculdades paranormais inerentes à natureza humana, mas suscetíveis de maior ou menor desenvolvimento em cada pessoa. Teoricamente, todos podemos realizar o prodígio da cura e até mesmo das operações espirituais. Praticamente existem as limitações individuais, decorrentes das condições específicas de cada indivíduo. Essa é a concepção espírita do problema, colocada por Kardec em meados do século passado, e que as Ciências oficiais somente agora começam a adotar.

O milagre é um fato excepcional, uma violação das leis naturais. O Espiritismo rejeita o milagre e o substitui pela intervenção no caso de fatores desconhecidos. Mas esses mesmos fatores foram objeto de estudos e pesquisas intensivas que os revelaram e descobriram as leis que os regem. Todo o esforço atual da Parapsicologia e da Psicossomática segue o esquema aplicado por Kardec e está chegando rapidamente às mesmas conclusões. A espantosa evolução científica dos últimos tempos não conseguiu romper os limites da pesquisa espírita.

Mas quando tratamos de Espiritismo é bom acentuar que não nos referimos às formas do sincretismo religioso afro-brasileiro, como Umbanda e Quimbanda, e sim à doutrina de Allan Kardec, elaborada em plano científico, e que deu origem às Ciências Psíquicas. Aquilo que Kardec chamava de Ciência Espírita é que está sendo confirmada pelas conquistas atuais das Ciências. Dessa maneira, o mundo científico, sem querer e até mesmo sem saber, aceita e confirma hoje o que ontem rejeitou. Esse é um fato comum no processo de evolução das Ciências. Quanto ao sincretismo afro-brasileiro, é assunto das áreas específicas da Sociologia e da Religião. Desde Nina Rodrigues os nossos sociólogos vêm estudando o problema, que está hoje bem esclarecido, salvo no tocante às relações com o Espiritismo, em que os sociólogos se mostraram lamentavelmente ignorantes, usando a palavra espiritismo em sentido vulgar, sem o menor critério científico. Fruto natural das campanhas difamatórias

contra o Espiritismo e da falibilidade humana dos sociólogos.

TERAPÊUTICA ESPÍRITA

A finalidade do Espiritismo é a descoberta da natureza do Ser e das leis genéticas e existenciais que o regem. A terapêutica espírita é uma consequência natural dessa descoberta. Verificando-se que o Ser é uma entidade espiritual que sobrevive à morte do corpo e não interrompe com a morte as suas relações com os homens, é evidente que as influências dessas relações na saúde e na conduta humanas tinham de ser pesquisadas. Kardec era pedagogo, médico e biólogo, diretor de estudos na Universidade de França, com suas obras pedagógicas adotadas pela mesma, o que lhe dava as credenciais necessárias para realizar as pesquisas e o trabalho de interpretação geral que realizou. Não formulou propriamente uma terapêutica espírita, mas mostrou a necessidade de se levar em conta as suas descobertas no tratamento das doenças, cuja etiologia era muitas vezes espiritual ou agravada por influências espíritas. O Dr. Demeure, seu colega e amigo, contribuiu para esses estudos observando médiuns curadores em sua clínica e apresentando relatórios a Kardec, que os citou e transcreveu, em parte, na *branquito*.

As observações de Kardec a respeito continuam válidas, tendo sido confirmadas atualmente pelas investigações científicas sobre o problema da cura paranormal. A Parapsicologia atual, como a antiga Parapsicologia alemã, a Ciência Psíquica inglesa e a Metapsíquica de Richet nada mais fizeram até agora do que confirmar o acerto das pesquisas e observações de Kardec. Só mesmo o excesso de preconceitos e a ignorância ilustrada poderá hoje negar o valor de todas essas pesquisas, feitas por grandes e renomados cientistas do passado e do presente. O problema não é religioso, mas científico, e como tal tem de ser encarado.

OS FATORES BÁSICOS

São dois os fatores básicos da etiologia paranormal: o fator psíquico individual ou psicológico e o fator espiritual. No primeiro, temos os desequilíbrios e desajustes psíquicos dos doentes, seus traumas e complexos pesqui-

J. Amaral Simonetti

sados pela Psicanálise; no segundo, as influências de entidades espirituais desencarnadas sobre o paciente. Basta isso para mostrarmos a complexidade do problema. O tratamento psicanalítico dá resultados no primeiro caso, mas no segundo é indispensável a contribuição espírita. Além disso, é necessário lembrar que o doente não é apenas um ser espiritual, mas também um ser carnal, possui um organismo físico dotado de complexas exigências. O terapeuta espírita ideal teria de ser psicólogo, médico e espírita, de maneira a poder atender com eficiência a todas as exigências da cura. A verdade é que, apesar de toda essa complexidade, a experiência mostrou que é possível obter-se bom resultado, em casos difíceis, com terapeutas desprovidos dessas credenciais mas dotados de bom senso e interesse puramente altruístico. Entidades espirituais esclarecidas ajudam e orientam esses terapeutas em suas práticas desinteressadas. Daí os milagres aparentes das curas efetuadas por pessoas simples e bondosas, em casos muitas vezes considerados incuráveis por clínicos de nomeada.

INFLUÊNCIAS TELEPÁTICAS

Aos fatores básicos devemos juntar os fatores acidentais, de ordem telepática. Ao contrário do que geralmente se pensa, telepatia não é apenas transmissão do pensamento, fenômeno puramente mental, mas a transmissão do *branquito* individual completo: pensamentos, sentimentos, emoções, estados patológicos. Jean Ehrenwald, psicanalista e parapsicólogo, observou em sua clínica a ação de influências telepáticas sobre pacientes difíceis. Essas influências complicavam os casos, dificultando sua solução. Há também a presença dos conhecidos fatores educacionais e mesológicos, decorrentes de deformações do processo educativo e das influências do meio sobre o paciente. Nesses casos, a transferência do paciente para outro meio deu resultados positivos.

A ação telepática é natural. Nossa mente funciona constantemente como aparelho rádio-transmissor e receptor. Grande parte de nossos pensamentos provém de sugestões telepáticas. Basta

sintonizar-nos com certas ondas mentais negativas para darmos acesso a um fluxo de pensamentos perturbadores. A mente não é física, segundo os resultados das pesquisas de Rhine, Price, Pratt e outros cientistas norte-americanos e ingleses. As sintonias mentais se estabelecem por afinidade. A mente de uma entidade espiritual, segundo as provas obtidas por Soal e Carinthon, na Inglaterra. Já a mente de uma entidade espiritual desencarnada pode sintonizar-se com a mente de uma pessoa viva. Mas a Ciência vai mais longe e mostra que a telepatia entre vivos e mortos se estabelece através de relações perispirituais. O perispírito é o que os cristãos primitivos chamaram de corpo espiritual. O Apóstolo Paulo foi o primeiro teórico cristão do corpo espiritual, explicando sua existência e suas funções na I Epístola aos Coríntios. O corpo espiritual é um organismo energético, formado de energias espirituais e materiais. Esse corpo irradia correntes ou fluxos de energia. Ao aproximar-se de uma pessoa, o espírito emite esses fluxos sobre o corpo hspiritual da mesma, que responde à excitação com outras emissões. Estabelece-se a ligação fluídica e a permuta de sensações e pensamentos entre o espírito e a pessoa. Daí por diante a influência do espírito passa a intererir no comportamento do paciente. Essa é a dinâmica do processo.

As recentes pesquisas de físicos e biólogos soviéticos, na Universidade de Alma-Ata, junto ao Centro de Pesquisas Espaciais da URSS, provaram toda a teoria acima exposta. As pesquisas foram feitas através de câmaras kirilian de fotografia, adaptadas a microscópios eletrônicos de alta potência. Os cientistas soviéticos, materialistas, ignoravam a teoria espírita, mas a confirmaram plenamente, e deram ao corpo descoberto a expressiva denominação de corpo bioplásmico. Experiências com moribundos mostraram que o corpo do morto só se cadaveriza quando o corpo bio plásmico se desliga inteiramente dele. Já temos em português o livro das pesquisadoras norte-americanas, Lynn Schroeder e Scheila Ostrander, da Universidade de Prentice Hall (EUA) que foram à URSS e entrevistaram os pesquisadores russos. É o livro *branquito*, lançado pela Editora Cultrix, de São Paulo.

As funções do corpo bioplásmico correspondem exatamente às funções do perispírito descritas por Kardec. Ele governa todas as funções do corpo material e é constituído de um plasma físico, formado de partículas atômicas. Há elementos desconhecidos, que correspondem às energias espirituais.

PREVENÇÃO DAS DOENÇAS

O corpo bioplásmico dispõe de elementos que permitem a verificação do estado de saúde do indivíduo, possibilitando a previsão de doenças. Esse corpo energético, que existe também nas plantas e nos animais, como também antecipava a teoria espírita, é a fonte de toda a fenomenologia paranormal. A sobrevivência desse corpo após a morte foi também comprovada nas experiências soviéticas. Mas o Estado Soviético sentiu-se ameaçado em suas bases filosóficas materialistas e suspendeu todas as informações nesse sentido para o Exterior. Foi providencial que as pesquisadoras da Prentice Hall University tivessem chegado à URSS antes da reação oficial contra essas pesquisas. Os americanos não chegaram ainda à descoberta dos processos de utilização das câmaras kirilian em ligação com microscópios eletrônicos para obtenção de resultados tão completos. Continuam na fase das pesquisas de efluviografia, de que alguns resultados satisfatórios já foram apresentados em nossas televisões.

A descoberta do corpo bioplásmico, que teve como antecedentes experiências científicas na França com animais, através de fotografias à luz infra-vermelha, dá um golpe de morte no materialismo científico. Até mesmo os fenômenos mediúnicos de ação do espírito sobre objetos materiais foram também confirmados pela equipe científica de Alma-Ata. A reação do materialismo político e oficial não poderá sustentar-se por muito tempo, de vez que o progresso das pesquisas científicas no mundo prosseguirá, independentemente das restrições soviéticas.

Torna-se assim evidente que o problema das curas paranormais escapa ao campo dos milagres e das superstições, para situar-se na linha de frente da batalha científica contra as doenças. A Ciência Espírita coloca-se na posição vanguardista de todo o progresso científico da Era Cósmica.

PLANO DA SERIE

1. A Cidade Terrena e a Cidade Celeste.
2. O Deus do Mar e a Deusa da Terra.
3. Jesuítas e Caciques fundam a Cidade.
4. Gigantes de Botas de Sete Léguas.
5. Lâmpioes de Gás e Iluminação Lunar.
6. Surto Cafeeiro e Nobreza do Café.
7. Martinelli: um salto sobre os telhados.
8. O rush Agro-Industrial.
9. O Caldeirão Racial dos Trópicos.
10. Nova Babilônia às Margens do Tietê.
11. Psicopatologia da Metrópole.
12. Os Enigmas da Alma Bandeirante.
13. O Complexo Metropolitano.
14. Civilização Caipira e Cosmopolitismo.
15. Abertura Tecnológica da Era Cósmica.
16. Expansão Cultural e Universitária.
17. O Aqui e o Agora de São Paulo.
18. Perspectivas para o Ano 2.000.

chamada Nobreza do Café substituiu na República a nobreza nobiliárquica em São Paulo, como ao açúcar em Pernambuco e a do cacau na Bahia. Desvalorizados os títulos imperiais, pela perda do poder, assumiam preponderância as fortunas individuais. Era o nosso momento da queda do feudalismo e ascensão da burguesia. O próprio Império, após a Guerra do Paraguai, incumbira-se de criar os títulos das nobrezas agrárias que iam surgir, com acriação da Guarda Nacional. Aos condes, marqueses e duques, sucediam os coronéis, majores, tenentes e outros títulos pagos em dinheiro. A burguesia paulista, apoiada nas propriedades rurais — como as das demais províncias — emparelhava-se com a nobreza caída e a substitua no poder. As patentes militares (praticamente honorárias) não eram transmissíveis, mas o poder o era, pois se baseava na riqueza. Com o tempo, os próprios títulos da Guarda perdiam o seu valor intrínseco, que se transferia naturalmente às posses individuais. Todo grande fazendeiro era coronel para o povo e seus descendentes herdavam o prestígio do título convencional.

Duas novas formas de titulação surgiram mais tarde com os diplomas e comendas. Bacharéis em Direito e médicos (doutores) e portadores de comendas (comendadores) ou títulos vaticânicos formariam a nova nobreza de sangue e posição social para conservar a antiga estrutura imperial. As lutas abolicionistas haviam liquidado a escravidão e o Império, mas o formalismo social continuava imperando. Por baixo da nova estrutura de pergaminhos fermentava a camada produtora do trabalho braçal, a miséria dos assalariados, sem teto e sem dinheiro, cuja fermentação sustenta as chamadas classes produtoras. O brilhante mundo paulista que então se desenvolvia o esplendor ateniense, onde a cultura se desenvolvia no ócio propiciado pela subestrutura escravocrata.

O SURTO CAFEIRO

O surto cafeeiro paulista começou nas fazendas do Vale do Paraíba, reduto da estrutura feudal do Império, propagando-se rapidamente por todo o Estado. A nobreza do café

CORPO E ALMA

6-Surto cafeeiro

J. Herc

Do Instit
Geográfico

encontrava nos cafezais o novo sustentáculo da sua posição de elite. A Civilização Brasileira, tipicamente agrária, cultivava os mitos cristãos, que haviam assimilado no passado asiático e europeu a mitologia greco-romana, nascida das civilizações agrárias da Antiguidade. As leis da evolução humana, que arrancaram o homem primitivo das cavernas e do nomadismo para estruturar na agricultura e no pastoreio as civilizações sedentárias da era agrária, das quais surgiriam as grandes e massivas civilizações orientais, repetiam a filogênese irreduzível no planalto piratiningano. É curioso lembrar que o Brasil agrário, apesar de sua ascendência europeia, desenvolvera-se na inconsciência de sua problemática fundamental até os fins do século XIX, satisfeito com a sua condição de produtor agrário e importador da produção manufatureira europeia. Até meados do século atual ainda se insistia, em campanhas de imprensa e programas políticos, na tese do «país essencialmente agrário», que jamais deveria tentar a competição com os países industrializados. Praticamente só acordamos desse enleio após as dificuldades internas criadas pela II Guerra Mundial. Só em Julho de 1860 foi criada no Ministério Imperial a Pasta da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, destinada a cuidar especificamente dos problemas agrícolas. Foi uma pasta de segunda ordem, canhestra na estrutura imperial, desprovida de recursos e de pessoal técnico suficiente para orientá-la. Havia um desequilíbrio de origem em nossa cultura transplantada da Europa, voltada exclusivamente para o ensino e a cultura de nível clássico e humanista, com desprezo pelos problemas técnicos. A nobreza do café recusava-se a dar atenção a questões inferiores. Até mesmo carregar pacotes nas ruas era considerado depreciativo para pessoas de linhagem aristocrática. Serviços de escravos não deviam senhores e seus descendentes. A posição escravocrata do Império marca fundo a mentalidade brasileira. E essas marcas ainda estão presentes em nossos dias. Após a queda imperial os preconceitos raciais estenderam-se aos imigrantes europeus que vieram substituir o braço negro na sustentação das lavouras. Mas o pecado trás sempre o seu próprio castigo. A extinção da escravidão e o fluxo imigratório



DE SÃO PAULO

e nobreza do café

no Pires

histórico e
São Paulo



permeabilizaram a estrutura social, permitindo e até mesmo determinando a ascensão social dos desprezados. Enquanto os descendentes de fazendeiros mostravam-se incapazes de entregar-se às atividades práticas, os imigrantes e seus filhos conquistavam posições de comando e se infiltravam nas rodas aristocráticas pela força das riquezas conquistadas. A Democracia Racial Brasileira não nascia ao caso, mas nas coordenadas determinantes do processo histórico. Por trás das situações concretas e visíveis agiam as forças imponderáveis, a razão histórica de Hegel jogando com os grupos humanos para a obtenção de resultados superiores. O Brasil avançava para a formação da estrutura dinâmica e potência de um mundo novo.

ROMPIMENTO DO SOCIOCENTRISMO

O café não foi apenas uma nova cultura a aparecer entre nós. Foi um elemento renovador, um signo secreto das violentas transformações que se aproximavam. Vinha da África por vias indiretas e infiltrava-se em nossa economia para tingí-la de novo sangue, com o forte colorido de seus bagos vermelhos. Já bem cedo, ainda no século XVI, iniciava-se o tráfico negreiro entre São Vicente e Angola, para atender às exigências de braços para o surto açucareiro que surgia com os primeiros engenhos de cana instalados no litoral vicentino. A conjugação era perfeita e prenunciadora. Café e açúcar se fundem num produto único. Até o início do nosso século dizia-se que café paulista e açúcar de Pernambuco andavam juntos. A unidade nacional de norte e sul se configurava numa xícara de café. Por outro lado, café e negros formavam a unidade dinâmica e dolorosa do trabalho escravo. A própria sintonia das cores indica o desígnio histórico. O preto do café torrado e moído reflete o preto da pele africana triturada nos navios negreiros e nas senzalas. Os bagos vermelhos sintomizam-se com as gotas de sangue dos troncos infamantes. A floração branca dos cafezais anuncia o meio em que a raça negra mergulhará no sacrifício dos séculos de escravidão. Nas fazendas, os homens aprenderão a misturar o branco do leite com o negro do café. A flora é também a permanente anunciação da mestiça-

gem futura, de que nascerão as gerações mulatas do café com leite.

Não faltará sequer o carisma das rebeliões, que terão não apenas a marca da revolta, mas também o selo da transcendência. As primeiras e mais importantes rebeliões surgirão de motivos religiosos, levantados pelos negros muçulmanos. E o Islã, como sabemos, apesar das interpretações errôneas, é irmão gêmeo do Cristianismo, nascidos ambos da fonte comum da Bíblia. O Corão considera Maomé como o profeta de Alá, mas confere a Jesus a qualificação de profeta e descreve o seu nascimento no deserto sob uma palmeira. Hoje sabemos, graças ao desenvolvimento das ciências psicológicas e das pesquisas paranormais, que os aruétipos do inconsciente dormem nas profundezas dos indivíduos e das raças. Conhecemos também a complexidade das manifestações do inconsciente, cujo conteúdo simbólico não é incongruente como supunhamos, pois pode ser decifradas por técnicos especiais. Na Parahistória essas significações revelam o sentido oculto das metamorfoses do processo histórico. As metamorfoses são dolorosas como os partos, pois representam o nascimento de novas condições para as coletividades envolvidas. O tráfico negreiro e a escravidão foram manchas trágicas em nossa História, mas foram também os instrumentos de que a História se serviu para romper sociocentrismo europeu da nossa formação, preparando a Democracia Racial Brasileira, ainda hoje em processo de desenvolvimento.

De uma xícara de café o historiador pode hoje tirar o segredo dos vetores históricos que agiram numa elaboração espantosa do futuro. Os leitores mágicos da borra do café nunca poderiam suspeitar que nela encontrariam, se trocassem a magia pelos recursos novos da ciência, a visão panorâmica de um grande processo histórico. A investigação dos fenômenos paranormais nos abre as portas do incognoscível, ou seja, do que até agora nos parecia fora do alcance do nosso conhecimento. E nos revela a existência de conotações inesperadas entre as coisas mais simples e as mais complexas do contexto abalisado. Ao rompimento do sociocentrismo europeu corresponde também a abertura do círculo fechado da religião dominante, que se apresenta impermeável a qualquer concessão, em seu axcabouço medieval. A contribuição negra se processou em forma de troca, segundo as leis do sincretismo-religioso, minando as barreiras por dentro. As práticas mediúnicas das religiões africanas, embora eivadas das superstições comuns às religiões primitivas, assustaram os brancos e os levaram a tomar conhecimento da realidade mediúnica. Esse fato dispôs a população à aceitação e compreensão do problema espírita, preparando o Brasil para a aceitação do Espiritismo, que grande influência iria exercer no seu desenvolvimento espiritual. Todos os sacrifícios se compensam, na visão parahistórica, pelos resultados obtidos na transformação da realidade esquemática e rotineira. A própria História transcende o seu aspecto documental e revela a sua natureza vital e poderosamente criadora.

MENSAGEM LITERARIA

O Grito

Hermano

No princípio era o verbo e o verbo inflava a núvens no Infinito.
Deus pronunciara o fat e a sua voz ecoava no silêncio abismal.

Da imensidão do Nada, ao apelo de um grito, explode o temporal da matéria fervente a borbulhar.
O silêncio morreu, as trevas se afastaram o Mar beijou a Terra a marulhar, o Sol ardeu no Espaço e Deus sorriu no seu primeiro passo sobre as areias da primeira praia.

Um grito despertara o Universo, fizera Deus o seu primeiro verso.

Os poetas são discípulos do Poeta que na página branca do Infinito, lançou as rimas dos Sóis e das Estrelas rimando os écos do seu próprio grito.

Ventos sopraram na flauta dos milênios. bojudas caravelas do Infinito tripuladas por monstros e por gênios, navegaram por céus nunca sonhados e mares nunca dantes navegados.

Milhões de anos depois (isso em Setembro) no silêncio campestre do Ipiranga, (ah, bem me lembro das águas no marulho de missanga!) um Príncipe cortou o céu à espada e arrancou do Nada apenas com seu grito um mundo do Infinito.

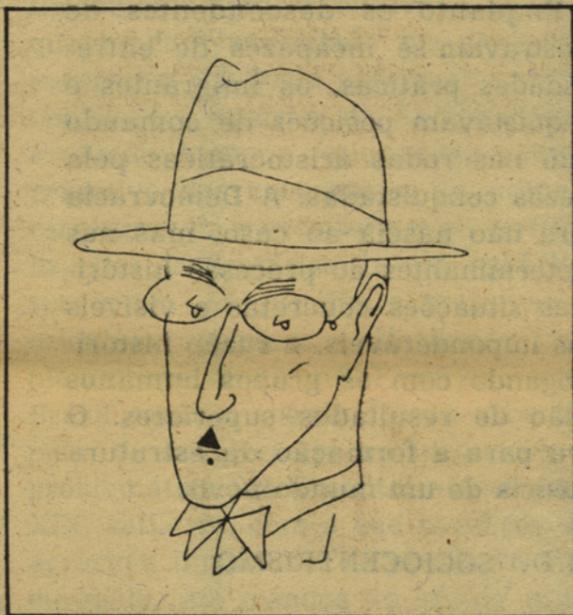
No princípio era o verbo e foi o verbo que estremeceu a terra o céu e o mar no dia em que o Brasil nasceu como Nação, num berço imenso feito oração

O Espírito de Deus pairava sobre as águas. As águas fecundavam a terra imensa. As velas enfunadas de Cabral singravam o mar do tempo.

— Estranha terra (pensava o navegante) país gigante, brasil sem brasas, sem furacões nem terremotos, nenhum vulcão, cheio de asas, no molde português de um coração Quem já viu coisa igual? Nem mesmo em Portugal!

O múltiplo Fernando

Bom sinal para o Brasil, para a nossa cultura e para o nosso desenvolvimento estético, a publicação da obra poética de Fernando Pessoa, que Aguillar Editora vem fazendo. Esse estranho poeta de muitos EUS, cujos famosos sonetos em inglês constituem uma mensagem iniciática, encontra boa ressonância em nosso público leitor. Seus poemas têm ressonância universal e tocam de perto a sensibilidade brasileira, pelo fato mesmo de Fernando Pessoa ser múltiplo e tentar superar as barreiras humanas, unindo os homens num só objetivo: o da humanização do homem, ainda tão apegado aos resíduos animais da espécie.



O lançamento recente de O EU PROFUNDO ES OS OUTROS EUS, pela Aguillar, em sua Biblioteca Manancial, apresenta uma factura gráfica excelente (em que a editora é especialista) e um cuidado com o texto a que na verdade não estamos muito acostumados. Com orientação de Afrânio Coutinho, que tratou da seleção e escreveu a nota editorial, este volume, tem ainda Maria Alice Galhoz como responsável pela fixação dos textos e notas. João Gaspar Simões, com sua experiência de poeta, responde pela cronologia e bibliografia.

Esses dados são suficientes para mostrar que o múltiplo Fernando, com seu EU particular e os outros EUS interferentes, é colocado em mãos do leitor brasileiro com amor e respeito. A maioria dos intelectuais não gosta que se dê a Fernando Pessoa uma interpretação que extravase dos rígidos limites da psicologia comum. O que mais temem, nestes casos, é o que consideram interpretação fantástica. Mas não sei como poderíamos escapar do fantástico ao tratar de Fernando Pessoa. Ele foi o primeiro a fugir das restrições psicológicas, tratando a fundo dos proble-

mas para: ormais e fazendo dos SONEOS UMA PROCLAMAÇÃO POETICA DOS PRINCÍPIOS TEOSOFICOS. Isso mostra que os seus admiradores intelectuais que rem ser mais FERNANDOS que ele próprio.

Não sou teosofista e não pretendo esmiuçar os SONETS, mas quando o poeta se abre em leque sobre a vida e tem a coragem de declarar que não é só um, mas vários poetas reunidos num só — mistério teológico de muitas e antigas religiões, temos de respeitar a sua declarada condição de criatura múltipla. Fernando Pessoa usava heterônimos, dizem os entendidos em mágica de escamoteio. Não há dúvida que usava, mas porque os usava? Essa pergunta é respondida por ele mesmo, mas os seus exegetas têm as suas dúvidas e as suas teorias. Neste volume os poemas de Fernando aparecem sob o título de FERNANDO, ELE MESMO, e os dos outros como desdobramentos da personalidade ou invenções de personalidades. Tudo muito interessante e de acordo com a moda do século. Mas o caso é que o século já se finda, com suas dúvidas atrozes, sua brutalidade e sua violência assassina, e outra mentalidade vem surgindo na linha do horizonte intelectual. Há perguntas perigosas que ficam no ar, como estas: O QUE É UMA PERSONALIDADE? ELA PODE DESDOBRAR-SE? Como e porque esse desdobramento? Ou ainda esta insolência: UMA PERSONALIDADE NAO TEM DE SER UMA EM SI MESMA POR MOTIVOS PSICOLOGICOS E ONTOGENETICOS? E OS HETERONIMOS NAO PODEM SER PERSONALIDADES INTERFERENTES?

Há símbolos, afirmam os mais aguerridos. Não há dúvida que os há e que Fernando os entendia. Mas o que são os símbolos e como podemos ter a certeza de entendê-los? Acaso teremos maiores dados sobre os símbolos, do que os possuía Fernando?

De minha parte, prefiro aceitar o poeta como sele se apresenta, pois deve ter motivos para fazê-lo. Quem sabe melhor o que nele se passava, ele ou os que hoje o intepretam? Há personalidades interferentes, que brotam do nosso próprio inconsciente ou consciência profunda, e há personalidades intrusas, que vêm de fora e se servem da nossa para exprimir-se no mundo dos homens. O que são elas? Orates ou Musas, ou ainda as almas viajoras de Plotino ou o DAEMON de Sócrates? Porque essa mania de querer liquidar o homem nos sete palmos de terra ou nas cinzas do crematório? Um poeta é um poeta e sabe o que diz.

Literatura da era cósmica

Acompanhando o delírio dos tempos novos, escritores de todo o mundo se voltam para experiências arrojadas de uma literatura *déracine*, numa espécie de ressurreição alienada do surrealismo. A aventura começou nos scripts para filmes fantástico, novelas de rádio e de televisão. Passou depois para o livro. E foi então que, segundo me parece, a coisa enguiçou. Nem mesmo a tradição dos romances fantasiosos, com o prestígio incontestado de Verne, no passado, e Wells, no presente, conseguiu animar essa literatura abstrata, inteiramente desligada da realidade terrena, das fontes vitais da experiência humana real.

Todo processo estético deriva do real. O romance, a novela e o conto vivem da seiva da vivência humana. Se ainda não temos uma experiência de vida no cósmos, fora dos limites da gravidade planetária, é evidente que não podemos dar verossimilhança alguma aos enredos que se passam nas regiões siderais. O público pode gostar muito das aventuras mais absurdas, mas quando elas se passam em planos ainda inacessíveis ao homem, seus personagens não serão mais do que bone-

cos idealizados e recortados sobre moldes falsos.

Para usarmos uma expressão de Dewey, podemos dizer que a literatura, como a arte em geral, é uma reelaboração da experiência. A garantia estética da verossimilhança é dada por essa reelaboração, que não pode existir se não existe a experiência. Estamos buscando uma saída cósmica para a nossa estesia e tudo indica que já descobrimos uma brecha. Mas enquanto não alargarmos essa brecha será inútil tentarmos odisséias no espaço. Tudo o que fizermos não será mais do que ensaio imaginário. Nossas medidas continuam limitadas pela gravidade terrestre. Não poderemos escrever um verdadeiro romance cósmico senão depois de havermos vivido no Cósmos, voando de estrela a estrela em discosvoadores ou foguetes movidos a energias ainda desconhecidas. Os combustíveis que usamos para as nossas naves tateantes são grosseiros demais para escaladas celestes.

Não podemos impedir ninguém de tentar o impossível e nem seria bom fazê-lo. Há uma possibilidade suspensa sobre as nossas

cabeças e talvez sejam proveitosas essas tentativas mais ou menos infantis. Estamos, pois, não propriamente no início da Literatura Cósmica, mas apenas numa fase de ensaio. É bom lembrar que Júlio Verne sondava o futuro sem sair dos limites planetários. Já Camille Flammarion foi além das estrelas e passou de astrônomo a poeta fantasioso. Seus objetivos eram nobres e humanos, mas o seu conhecimento do fenômeno literário e do seu processo era precário. O poeta da Astronomia teve de ater-se ao plano da fantasia, muitas vezes ingênua, sem conseguir a admirável força e vitalidade do poeta da Aviação, Saint-Exupéry, mesmo em obras infantis como *O Pequeno Príncipe*. Flammarion se esvaía nos planos siderais, onde a imaginação humana nada tinha a fazer. Exupéry, pelo contrário, estava estreitamente ligado às suas experiências terrenas, A seiva da vida, e mais particularmente da existência, corre nas suas páginas como a seiva no caule das plantas.

Vai longe o tempo em que

Afranio Peixoto podia chamar ingenuamente a literatura de sorriso da sociedade. Até mesmo Agripino Grieco chegou ao fim da vida considerando a literatura como recreação. E ainda em nossos dias há quem sustente que romances, novelas, contos e poesias nada mais são do que produtos da imaginação, destinados a proporcionar prazer estético. Não obstante, já na antiguidade clássica as obras literárias eram reconhecidas como dotadas de poder especial para nos ajustar melhor à realidade. A literatura religiosa e a didática, e mais tarde a literatura engajada, social, política, ideológica, revelou a função cognitiva do processo literário. As grandes obras francesas e russas, particularmente, com sua capacidade extraordinária de sondar os mistérios do homem, tanto no plano social, quanto no psicológico e até mesmo no ontológico, deram o golpe de morte nas teorias periféricas da literatura. Por isso mesmo sabemos que a literatura da era cósmica tem de esperar essa era, que ainda se esboça em nosso mundo.

Literatura infantil

Marina Reis

Todo mundo pensa que escrever para crianças é muito fácil. Nossas livrarias apresentam muitas edições de estórias infantis, mas a verdade que, depois da morte de Lobato, nossa pobreza nesse campo aumentou de assustar. Não é a quantidade que vale, é a qualidade. E essa anda tão escassa que dá pena. Nem mesmo as tentativas de Érico Veríssimo deram certo. Porque Érico, grande escritor para adultos, não tinha a flexibilidade de Lobato para descer até o coração das crianças.

O que está nos faltando, segundo me parece, é seriedade na brincadeira. Escrever para crianças não é apenas brincar, fazer de conta. É coisa muito mais séria. É preciso, antes de mais nada, que se tenha bom conhecimento da história e dos problemas da literatura infantil. Esses problemas, por sua vez implicam sérias questões de psicologia infantil, de pedagogia, de mitologia e folclore. Além disso, é preciso que se tenha vocação para escrever e amor suficiente para a compreensão do mundo da criança. Uma estória infantil exige mais intuição do que razão, mais imaginação e sentimento do que capacidade criadora.

As raízes da literatura infantil clássica estão no folclore europeu. Andersen e os irmãos Grim foram crianças grandes que brincaram a valer na infância dos povos europeus E, por isso, puderam escrever para as crianças de todo o mundo. As crianças são as mesmas, em toda parte.

Lobato treinou literatura infantil no contacto com a vida simples do campo e das pequenas cidades, escrevendo vários contos de fundo folclórico. Depois enveredou pela mitologia, captando a magia das lendas gregas, que vem dos tempos infantis da Grécia. Seu contacto com a gente simples do campo ensinou-lhe a escrever com naturalidade, sem rebuscamentos pretensiosos. A isso tudo ele juntou o seu pendor de mestre-escola, dando aos seus livros um sentido didático que muita gente ainda censura, mas que ele soube dosar com muita perícia.

O intelectual brasileiro, em geral, sofre de complexo de inferioridade ante a cultura europeia. Temos de superar esse complexo para escrever com humildade e pureza. Mas para superá-lo é necessário termos a modéstia de compreender que os escritores europeus têm mais cultura e experiência do que nós. Só assim aprenderemos a estudar as suas obras e com isso descobrir os segredos da sua infantilidade gloriosa. Quando aprendermos a voltar à infância, pelos caminhos do conhecimento verdadeiro, teremos uma literatura infantil capaz de levar às crianças de todo o mundo a nossa mensagem de amor.

Dedão

A morte de Lauro Freire, veterano reporter fotográfico dos «Diários Associados» ocorrida na tarde de 6 deste mês, abalou os meios jornalísticos e esportistas de São Paulo. Com ela se acentua o desaparecimento de uma geração de profissionais da imprensa paulistana, representativa de uma época tumultuosa e ao mesmo tempo gloriosa. Se os tumultos políticos e sociais agitaram o país nessa fase, os meios jornalísticos, não obstante afetado, manteve-se unido e tranquilo no cumprimento dos seus deveres, informando, criticando, condenando os excessos e lutando com as armas de imprensa para que as liberdades democráticas pudessem ser preservadas. Desde o fim da segunda guerra mundial, em 1945, até os fins da década de 60, a geração de entre duas guerras, como foi chamada, mostrou-se digna da fase trepidante que teve de enfrentar.

Muitos jornalistas participaram das lutas políticas, alguns se afastaram da imprensa por esse motivo, outros foram levados a assumir postos políticos e administrativos, sem com isso se



Dedão

desligarem da imprensa, mas a maioria não se afastou da atividade profissional, mantendo-se com dignidade e brilho no desempenho de suas funções.

Lauro Freire, o Dedão, como era geralmente conhecido, destacou-se nesse período por sua perfeita integração na classe, tanto nos quadros do Sindicato como na direção da

Associação dos Reporteres fotográficos do Estado, que soube acionar como instrumento seguro de defesa dos interesses da classe. Ligado naturalmente às atividades esportivas, não se limitou à função de fotógrafo, já de si honrosa, mas aprofundou-se no conhecimento da mafeira, diplomando-se técnico em futebol pela Escola Superior

de Educação Física e assumindo com eficiência vários cargos, nessa e noutras especialidades, em clubes paulistanos. Mostrava-se assim bem integrado no espírito da geração jornalística a que pertencia, onde tantos outros se especializavam em atividades culturais, conscientes da necessidade de conhecimentos superiores no desempenho das atividades jornalísticas. Essa marca de cultura da geração de entre duas guerras antecipou o desenvolvimento dos cursos superiores de jornalismo no país e demonstrou que a vocação da classe não se limitava ao exercício puro e simples de funções rotineiras de imprensa. Dedão, como tantos outros, em outros setores, fez da reportagem fotográfica o seu instrumento de elevação e ação cultural, através da imprensa, para o desenvolvimento da nossa cultura nacional. Por isso, a morte não o destruiu. Pelo contrário, revelou em camara escura o negativo da sua existência, para que a imagem da sua fotografia pudesse aparecer com maior nitidez no claro-escuro de suas lutas e suas conquistas.

Passos de Deus abalam a Terra

Os conflitos mundiais da atualidade favorecem o surto de misticismo popular em todo o planeta. Mc Luhan, o profeta da comunicação de massas, viu a Terra transformada numa aldeia global e anteviu profundas modificações em todos os setores das atividades humanas. Mas a sua profecia refere-se apenas ao mundo científico e tecnológico. As massas humanas, em todos os países, não estão integradas nem podem integrar-se nesse mundo de conquistas avançadas. Há uma defasagem assustadora entre as elites culturais e as massas populares. Encarando estas, podemos dizer que a Terra virou um Sertão de Canudos. Por toda parte proliferam os antonios-conselheiros apegados às superstições do passado, de ânimo excitado pelas transformações atuais, pregando ao povo um evangelho de obscurantismo e terror. Volta-se a falar no fim do mundo, que se daria na passagem do segundo para o terceiro milênio do calendário cristão. Repete-se o panorama sombrio das vésperas da passagem para o segundo milênio, quando o Ano 1.000 era esperado como o fim do mundo, tendo a sua aproximação provocado ondas de desespero e suicídios.

O ambiente é propício não só à floração de profetas autênticos ou seja, de profetas que nascem naturalmente das condições de incultura e desespero das massas, mas também dos arrivistas, que se aproveitam da situação para se arrojarem na vida, mudando de status social, passando de trabalhadores anônimos ou de biscateiros a missionários de Deus, enviados à Terra para a salvação da humanidade. As façanhas científicas e a falência das religiões tradicionais favorecem a proliferação desses missionários por conta própria, que conquistam facilmente a simpatia e a confiança das camadas mais pobres da população, dos deserdados da herança cultural do povos. A ilusão cristã, sustentada através de dois milênios, desfasa-se como bolha de sabão, e por maior que sejam as tiragens de edições da Bíblia e dos Evangelhos. Seitas pagãs se infiltram em nosso mundo cristão, como ocorre com as seitas japonesas entre nós, em nosso país. Enquanto os sociólogos e os teólogos se esfalfam em análises e estudos de linguagem cifrada, incompreensível para a maioria, os visionários desfrutam cada vez mais do prestígio popular. Além disso, grande percentagem de elementos da classe média aderem às massas, na busca de uma segurança divina que as religiões tradicionais já não lhes podem dar.

A RESSURREIÇÃO DE DEUS

Teólogos cristãos aderiram a Nietzsche, proclamando a morte de Deus como um fato histórico do nosso século, sustentando essa tese através de livros brilhantes, em cujas páginas o raciocínio refinado se torna incompreensível para o povo. Fazem o papel do louco de Nietzsche (que pelo menos era louco) e pretendem haver fundado o Cristianismo Ateu. Os crentes decepcionados passam a confiar nos missionários que lhes preservam a crença. Ao mesmo tempo, a atitude dos cristãos que se entrematam nas guerras religiosas da Irlanda e do Líbano, mostrando-se mais ferozes e impiedosos que os pagãos muçulmanos, pulveriza a confiança das massas nos valores tradicionais de suas religiões. Por outro lado, o desafio tecnológico a

Deus, com a invasão herética do Ceu por homens e máquinas, assusta e abate o ânimo dos crentes. As seitas improvisadas, que em geral se apoiam em modelos estrangeiros, de nações cultas e adiantadas como os Estados Unidos e o Japão, oferecem à criaturas desamparadas e aturdidas o substitutivo para a fé abalada. Muitos brasileiros já estão aprendendo a fazer preços em japonês, dirigidas aos deuses ancestrais de famílias nipônicas. Falam hoje o japonês sem entender, como ontem ouviam sem entender o latim dos padres. FE as palavras estranhas lhes parecem carregadas de um poder mágico. A fascinação dos deuses estranhos, que judeus e cristãos tanto combateram, continua mais viva do que nunca em nossos dias. Apesar disso, a ressurreição do Deus Único nas subseitas cristãs dos missionários, e a contra-infiltração cristã nas seitas japonesas, chinesas e até semi-indianas, prova que o processo de mistura tem suas raízes no inconsciente coletivo das raças em fusão.

DEUS ANDA NO MUNDO

Desafiando a sabedoria dos teólogos que sustentam a morte de Deus, os missionários afirmam que Deus está vivo e bem perto dos homens, pois anda pelo mundo, na frente dos seus escolhidos, como Jesus andava à frente dos apóstolos. Mas desta vez, mais cauteloso e sábio, Deus passeia invisível entre as feras humanas. Um missionário declarou recentemente em programa de rádio: «Deus anda entre nós e os seus passos sacodem a Terra». Bela resposta às pancadas soturnas do coqueiro de Nietzsche, cavando a terra para entrar Deus numa cova gigantesca. Logo a seguir, ocorreram os terremotos da Europa e do Oriente, complementados por violentos terremotos da URSS e da China. Os crentes do missionário estão hoje mais crentes do que nunca no seu poder divino. Apesar disso, as advertências do Papa aos católicos italianos, contra a eleição de comunistas, particularmente para a administração de Roma, não impediram que fosse eleito e empossado o primeiro prefeito comunista da Cidade Eterna. O que mostra que, pelo menos na Europa, o fervor político das massas é maior que o religioso, predominante entre nós. Mas não se pense que por lá os missionários não funcionam. Agem com a mesma desfaçatez funcional. Não faz muito tempo, um missionário italiano, considerado como profeta, conseguiu arrastar uma multidão de adeptos para lugar que dizia seguro, a fim de escaparem do fim do mundo, que chegaria dali a poucos dias. O mesmo acontece na Rússia e na China vermelha, onde as autoridades materialista dão caça aos bruxos que se atrevem até mesmo a distribuir folhetos e boletins alarmantes nas regiões campezianas, anunciando a presença de Deus na Terra e o perigo da sua cólera. Imagine-se o abalo que a morte dos astronautas russos no espaço e os terremotos com milhões de vítimas na China terão produzido no misticismo congênito das populações russas e chinesas.

A CURA PARANORMAL, A BURRICE MATERIALISTA E OS MILAGRES PAGOS EM NOTINHAS DE 1 CRUZEIRO

A grande arma dos missionários é a cura paranormal ou simples-

Místicos pastores dirigem rebanhos incultos em atropelo

mente psíquica, de ordem sugestiva, que existe no mundo desde os tempos primitivos. Essa origem remota e selvagem leva a burrice materialista a negá-la e tentar ridicularizá-la. Mas a verdade é o que é e não pede licença aos cientistas para existir e se impor. Enquanto os doutores defendem suas rendas ou sua ciência, reinado dos ignorantes, estes se entregam nas mãos dos missionários que curam todos os males por meios mágicos, e pagamento disfarçado em contribuição piedosa. O conhecido missionário Davi Miranda, que pôs Manuel de Melo no Chinelo (com rima e tudo) e tem provocado terremotos humanos por onde passa, descobriu os meios mais estranhos de cura. Sua voz, carregada de supostos poderes, cura através de programas de rádio, de gravação em discos, de alaridos de gritos, gemidos, soluços, louvores a ele mesmo e a Deus, mas assembleias tumultuosas de suas muitas igrejas. Como não pode estar em toda parte ao mesmo tempo, transmite seus poderes aos missionários auxiliares, que o substituem por todo o Brasil e já se preparam, segundo consta, para levar os seus poderes divinos ao Exterior. Poderemos em breve conseguir divisas exportando milagres.

Aqui entre nós, como os milagres do missionário são produtos da terra e muito procurados, podem ser vendidos a preço baixo. Mas no exterior, como o nosso café escolhido e a nossa banana envolta em papel celofane, atingirão preços elevados. No seu programa matinal



de rádio, que na verdade é madrugada, o missionário conta com o depoimento de pessoas que lhe fazem a corretagem gratuita do produto. Uma mulher pobre, residente em vila suburbana distante, contava há dias o sacrifício a que entrega para comprar discos do missionário e distribuí-los caridosamente a pessoas necessitadas. Os depoimentos dos doentes, que Davi chama ao microfone dizendo-lhes: «Conte a sua graça», são impressionantes pela ingenuidade e a gratidão que revelam. Uma senhora que sofria violentas dores de barriga e os médicos queriam operar, curou-se colocando o seu radinho de pilha sobre a barriga, ligado ao programa da madrugada. A voz do missionário, mesmo enlatada em fitas magnéticas ou gravada em discos e irradiada pelas ondas hertzianas, não perde o seu poder. Um senhor contava a graça recebida: curara uma paralisia das pernas ouvindo os discos milagrosos. Em frente à sua igreja barulhenta da rua Conde de Sarzedas, no centro da cidade, nossa reportagem encontrou uma senhora de elevada posição social e cultural. Declarou haver saído da igreja onde o missionário prometia curar a ela e ao seu marido. «São tantas as curas feitas por ele — declarou — que não podemos duvidar e temos de ceder um pouco em nosso orgulho intelectual.»

Mas a maioria dos frequentadores é de gente pobre ou paupérrima, que faz sacrifícios enormes para comprar os discos, dar sua contribuição em dinheiro e adquirir objetos imantados. A forma de pagamento revela a origem humilde do dinheiro: 20, 30 ou mais cruzeiros em notinhas envelhecidas de um cruzeirinho, conseguidas na venda de pipocas, salgadinhos ou balas e outros doces em frente a escolas de bairros.

A desordem provocada por uma concentração do missionário em Belo Horizonte (Minas Gerais) num domingo de fevereiro deste ano, no bairro granfino de Lourdes (que ficou destruído) confirmou ocorrência semelhantes em outras capitais. A polícia mineira apreendeu nada menos de 37 mil notinhas de um cruzeiro em seu poder. No Rio, em Niterói, em São Paulo, por toda parte esse Davi às avessas alucina as camadas pobres da população e levanta fundos mínimos para a máxima expansão da sua indústria milagreira, com enorme e crescente de agências-igrejas espalhadas por todo o país. Mencionamos apenas como o exemplo mais flagrante da situação em que nos encontramos e que exige um estudo acurado das circunstâncias determinantes. Outros muitos missionários se esforçam para atingir a glória de Davi. O riso alvar de médicos e cientistas, de teólogos e padres, diante desses fatos, não é menos estúpido que o dos ignorantes. Por trás dessa situação está a ignorância acadêmica, a burrice materialista, a arrogância cultural, a ganância profissional e sobretudo o egoísmo dos que não pensam nas dores e misérias do próximo. Não é atoa que os passos de Deus na Terra produzem terremotos e convulsões.

IDADE MEDIA DA ERA COSMICA

Chegamos a um ponto crucial da evolução humana, a uma dessas fases da História em que o mundo

se parece a um fruto que amadureceu a precisa ser colhido para não cair de podre. A cultura humana desenvolveu-se ao extremo das nossas possibilidades. Dentro da estrutura fechada de princípios e conceitos da nossa civilização (como na casca fechada de um fruto maduro) não há lugar para novas concepções da realidade. Nossa civilização morre para dar nascimento a outra, que será sua filha e herdeira. Se nos recusarmos a morrer com ela (no verdadeiro sentido da morte, que é renovação e não fim) ficaremos parados onde estamos, fechados num arcabouço mental e intelectual superado. Teremos então uma Idade Média da Era Cósmica, com a instituição medieval de tribunais da Inquisição, prontos a sufocar os anseios de renovação e ampliação das dimensões humanas. E o que se passa nos países materialistas, onde qualquer avanço além dos limites da concepção material do mundo e do homem é sumariamente condenado. Nos países capitalistas a condenação incide sobre os que pretendem renovar as condições econômicas. No campo religioso, apesar da abertura ecumênica de João XXIII (nos limites que lhe foi possível propo-la, continua a vigorar o sistema de anátemas e excomunhões, não obstante as tentativas de diálogo que tanto entusiasmaram a Garaudy e a outros pensadores arejados. Mas a situação mundial não é a mesma dos tempos medievais. A evidência de que a matéria não é tudo, de que é mesmo apenas um aspecto sensorial da realidade, — evidência cientificamente constatada — não permite a proliferação de sofismas. Num mundo em que tudo se renova sem cessar, em que nada se acaba, em que o fluxo da vida e do pensamento se desenvolve em espirais, em círculos crescentes, torna-se difícil sustentar condições culturais já superadas de maneira inegável.

Mas nem por isso podemos descuidar da orientação das massas num sentido ascensional, arrancando-as do atraso cultural em que se encontram e que permitem situações vexatórias como a que encaramos nesta apreciação do problema religioso. Se não cuidarmos disso, correremos o risco a que se entregou o Império Romano na sua arrogância de estrutura política todo poderosa. Assim como os bárbaros, afastados dos benefícios da civilização, acabaram destruindo o império para poderem apoderar-se das fontes de cultura, as camadas inferiores da população terrena, que abrangem continentes inteiros, com mingua das elites favorecidas, como vemos na África e na Ásia, bem como em nossa própria América, poderão levar-nos a uma situação de impasse ainda praticamente imprevisível e inconfigurável. Seria essa a situação mais desastrosa, em que possivelmente a cultura atual tivesse de regredir às suas origens selvagens. O potencial atômico das nações mais favorecidas não servira para impedir, mas, pelo contrário, aceleraria o desastre.

Deus está realmente na Terra, não como um ser sobrenatural a fazer-la tremer com as suas passadas de gigante, mas como o princípio do bem, de que falava Platão, como a Inteligência Suprema que nos ajuda com intuições poderosas na construção de um mundo superior. Temos de analisar esses processos sintomáticos e tomar providências controladoras

A TERRA GIRA, A VIDA PASSA, A GENTE MORRE, O TEMPO CORRE. VOCÊ O QUÊ FAZ?

O BRASIL NASCEU DE UM GRITO

LEIA EM 5 MINUTOS MENS(A)GENS MEDITE EM 30 DIAS

E, a coisa foi assim. O Brasil dormia. D. Pedro I deu o grito. O Brasil acordou e disparou no mundo. Ninguém mais o segura.

EDITORIAL editorial para ler sem piscar

A Rainha que tinha medo do dentista

No princípio era o verbo. O Rei dizia: «Faça-se isto, faça-se aquilo», e tudo era feito. Lá de longe o Rei abria a boca e era um corre-corre por aqui. Tiradentes implicou com isso e tratou de preparar o boticão. Pensou: «Quando ele abrir a boca arranco-lhe os dentes! Um rei sem dentes não morde, sua voz não repercute, fica lá mesmo. «Mas Tiradentes era pobre e não podia ir a Portugal. Os anos passaram e, por fim, uma rainha paranormal descobriu o dentista e mandou esquarteja-lo. Ela ficou furiosa. «Se esse managão me arranca os dentes, como vou poder engolir o meu bacalhau sem mastigar!» Mataram o dentista. Depois a rainha morreu e veio outro rei. Continuou a abrir a boca, como os outros, e tudo se cumpria por aqui. Mas esse rei tinha um filho prá-frente. O filho pensou: «Porque hei de estar aqui a obedecer, se posso mandar? Meu pai que cuide do seu reino. Eu vou cuidar do meu. Se ele

é João VI, eu serei Pedro I. E foi tão fácil que ele mesmo se assustou. Foi dar um grito e o que surgiu do chão não foi um reino, mas um império! Conclusão: quem não grita não impera.



O Diabo e a Poluição SUCURSAL DO ALÉM

— O caso Uri Geller repercutiu aqui. O Guia dele foi chamado ao Departamento de Explicações e explicou: «Entortar colheres é mais fácil do que desentortar homens. Uri é fraquinho e preciso poupar suas forças. Ele faz relógios velhos funcionarem para lembrar os homens que as horas estão passando. Com relógios parados eles se esquecem».

— A menina Wilma, que entortou Uri Geller, está sendo avisada de que não deve continuar entortando. Ela está na Terra para endireitar e não para entortar. Quem muito entorta acaba se entortando.

— O Diabo quis entrar no Céu para respirar um pouco de ar puro. São Pedro deixou. Na primeira respirada ele desmaiou. São Pedro o fez voltar a si e aconselhou: «Fique no Inferno, seu lugar é lá.» O Diabo se assustou e disse: «Não volto mais lá. Vou para São Paulo. O ar do Inferno está muito rarefeito.»

DA SUCURSAL DO ALÉM

Dois astronautas subiram tanto, que ao voltar pararam em Nosso Lar. Irmão Daniel os recebeu: «Sejam bem-vindos, irmãos! E eles, assustados: «Que brincadeira é essa? Não resgataram a nossa cápsula?»

— Os motoristas chegaram brigando. «Vamos resolver isso no trânsito!» gritava um deles. O Irmão Lourenço explicou: «A questão não é mais de trânsito, irmãos, é de transe.»

— Repercutiu bem por aqui o aumento da gasolina. Mas continua chegando tanta gente daí que não sabemos como fazer. Vocês precisam tomar medidas mais enérgicas. Ou vocês acabam com a gasolina ou a gasolina acaba com vocês.

— A morte procurou as autoridades do Além para protestar; «Assim não dá! Atrapalharam todo o meu serviço. Cachaça, tóxicos e automóveis andam matando mais gente do que eu!»

— Chico Vagante morreu no Recife e não aparecia por aqui. Foram encontrá-lo no cemitério, sentado no túmulo da família: «Vejam que absurdo. Enterraram um cara com o meu nome. Agora como vou fazer? Se voltar para casa a turma morre de susto!»

— O exorcista queria tirar o demônio do rapaz. O espírito explicou: «Se eu sai do corpo ele morre. Sou o encosto de mim mesmo.»



O GRITO DO PRINCIPE ASSUSTOU O REI. E O BRASIL ESCAPOU.

A VIDA SOBE

Fala-se muito em Psi e pouco em Psiu. Mas a verdade é que usa-se mais Psiu do que Psi. Se Psi pode entortar uma colher, o que não é grande coisa, Psiu pode parar um taxi, o que é um milagre!

A importância do amor

Edna Gomes Pinto

Como assistente social de um abrigo para menores abandonados, na cidade de São Paulo, pude participar de uma experiência que, de alguma forma, mostra a importância do amor no desenvolvimento das pessoas. No abrigo, havia crianças de 2 a 6 anos de idade. O número de internações era bastante grande, cerca de 800 por ano, com uma lotação média no abrigo de 320 a 350 crianças.

Uma vez internada, a criança passava pelos exames da equipe técnica composta por médico, psicólogo, orientador educacional e assistente social, após o que podia receber vários encaminhamentos, a saber: volta para a própria família, transferência para colégios, transferências para obras especializadas (doente físico ou mental), colocação em família substituta e etc.

Na sua maioria, as crianças se ressentiam com a internação, a não ser algumas para as quais o abrigo era sinônimo de comida, agasalho e higiene, tão precárias eram suas condições anteriores. Mas, para algumas crianças, a internação e a consequente separação da família era dura demais para suportarem. Estas iam ficando num mutismo, retraindo-se, recusando alimentos, não falavam, não se relacionavam com os demais companheiros e iam definhando a ponto de serem recolhidas à enfermaria para medicação (geralmente vitaminas) chegando até ao ponto de necessitarem de internação hospitalar para tratamento com soro. Tivemos vários óbitos, cuja causa morte, se bem traduzida, seria «morte por saudades dos pais» ou «morte por não conseguir suportar a internação».

Isso me afligia muito e tentava sempre uma solução, procurando as famílias, verificando sua situação, tentando apressar o processo social delas para lhes possibilitar a

desinternação mais rápida dos filhos; outras vezes, entregava-os em estágio ou a passeio com suas famílias, para que se recuperassem e chamava esta atitude de «aconchego familiar». E todas, após algum tempo fora do abrigo, se recompunham. Mas havia ainda algumas que nem famílias possuíam ou cujas famílias não se encontravam em condições de levá-las. Lembrei-me então de uma aula do Dr. Enzo Azzi, cadeira de psicologia, quando ele relatara uma experiência feita com ratos, para provar que algo mais, além de alimentos e cuidados, podia contribuir para o desenvolvimento psicofísico. Tomaram-se dois grupos idênticos de ratos, ministrando-se a ambos o mesmo tratamento, os mesmos cuidados, pelas mesmas pessoas, com a única diferença que em um dos grupos o experimentador levantava-os pelo rabo e os acariciava todos os dias. Ao término do prazo da experiência este grupo desenvolvera-se muito mais que o outro, não só fisicamente (apresentava maior peso) como respondia melhor e mais rapidamente aos estímulos.

Seria possível transportar essa experiência para as crianças? Mas, como num abrigo? por quem?

Como encarregada da equipe, na ocasião, expus meu plano, ficando todos de me avisarem quando uma criança apresentasse sintomas de depressão, ou quando se encontrasse em processo de regressão por carência afetiva. O plano constituía do seguinte: havendo uma criança em tal situação, eu chamava uma funcionária (geralmente uma atendente) e lhe dizia que deveria, a partir daquela data, dedicar, por duas vezes 5 a 10' de seu tempo a determinada criança. Isso se daria ao entrar e ao sair do serviço. Deveria passar pela enfermaria e diri-

gir-se à criança com frases mais ou menos assim: «como vai, Carlinhos? Passou bem? Dormiu bem? Hoje o ônibus esta muito cheio», ou qualquer coisa mais ou menos impessoal. Despedir-se dizendo-lhe que passaria para vê-lo na sua hora de saída, quando repetiria ainda algumas palavras, prometendo voltar no dia seguinte ao chegar, desejando-lhe uma boa noite, bons sonhos etc. Estas funcionárias estavam proibidas de dar-lhes qualquer presente, balas, revistas ou objetos. A princípio, a expectativa foi grande, mas já pudemos verificar que em 2 a 3 dias as crianças já aceitavam alimento e após uns 5 a 6 dias já começavam a conversar. Aquelas, assim atendidas na enfermaria, geralmente não necessitavam de internação hospitalar, e as atendidas nos pavilhões nem davam entrada na enfermaria.

A minha surpresa e constatação de uma verdade gritante foi tamanha, que até hoje vivo repetindo esse caso para muita gente, amigos, conhecidos e principalmente para os que me procuram profissionalmente para a solução de seus problemas, muitos dos quais resolvidos com uma dosagem de amor na direção certa e com aplicação correta.

Dizer que o amor é necessário é fácil e todo mundo vive proclamando isso, mas provar que é importante é mais difícil e toda aquela gente e eu, que participamos dessa experiência, podemos fazê-lo.

Isso aconteceu em 1968. Depois de minha saída, não sei como ficou. O abrigo continua, as crianças continuam a ser internadas e muitas vezes penso em quem estará lhes dedicando algumas palavras, quem estará ministrando este alimento ótimo, este remédio poderoso que é o amor.

O valor da prova

O trabalho que publicamos ao lado representa uma contribuição efetiva para a elevação do nível do serviço social em nossa terra. É um depoimento impressionante, que mostra o erro criminoso dos que tratam criaturas humanas como objetos, em qualquer plano das relações sociais. O apego a esquematismos rígidos, num tratamento frio e aleatório, pode causar traumatismos e até mesmo levar criaturas sensíveis a situações perigosas e à morte. Tratando-se de crianças, a falta de afeto nas relações revela ignorância e irresponsabilidade. A notável experiência de nossa colaboradora Edna, conhecida e criteriosa assistente social, confirma os princípios básicos da mais avançada pedagogia contemporânea, que considera a educação como um ato de amor. Chamamos especialmente a atenção dos dirigentes de instituições assistenciais e dos professores em geral para esta valiosa contribuição de uma profissional esclarecida e responsável, que encara o seu trabalho com espírito apostólico.

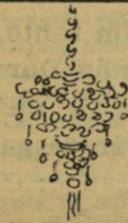


Dra SUELY JACINTHO
ODONTOPEDIATRIA

ODONTOPEDIATRIA

Rua Gravi, 193
Fone: 276-6146
São Paulo

Suely



HEIV
MODAS

A única boutique que se especializou em longos.



HEIV
MODAS

Domingos de Moraes, 1000
Fone: 70-2653
Estacionamento próprio

Tijolos — Cal — Cimento — Pedra — Areia — Ferro —
Encanamentos — Materiais para Construção em geral

MARAPÁ

Materiais p/ Construções Ltda.

inscrição 109.444.862 — CGC 47.102.389/0001

Estrada de Itapeperica, 3.333 — Capão Redondo — Fone: 247-8614
CEP 05835 — Santo Amaro — São Paulo



Juscelino

Com a morte de Juscelino o Brasil não perdeu apenas o seu estadista, mas também e principalmente o seu grande humanista e o seu médico da Era Cósmica. Quando morre um homem das dimensões de Juscelino é que podemos avaliar o poder revelador da morte. A convivência humana, é amesquinhadora. A falta de amor entre as criaturas, de simpatia humana, impede-nos de ver a grandeza dos espíritos superiores que partem o pão conosco na mesma mesa. Por isso a glória é tardia. Mas o golpe inevitável da morte revela o grande homem e projeta a sua imagem viva na perspectiva do futuro. Daí por diante ele não precisa mais do seu nome completo, das suas credenciais efêmeras. Ele é ele mesmo e o seu primeiro nome basta para identificá-lo. Heidegaard tem razão: o hose completa na MORTE.

Numa fase gravíssima da situação mundial e nacional, quando todas as nações sentiam a ameaça e a atração do caos em que o mundo se precipitou, Juscelino assumiu o governo do Brasil com equilíbrio e amor. Enfrentou as tensões políticas e sociais com o seu permanente sorriso de simpatia humana. Apoiado pelo prestígio militar de Lott - outra grande figura injustiçada pelo seu próprio povo - não fechou a carranca do verdugo nem ameaçou com a chibata do poder. Imperou com a grandeza serena de Pedro II, e se este foi a democracia coroada, Juscelino foi a monarquia sem coroa.

Sua confiança na grandeza do Brasil, na capacidade nacional para enfrentar e vencer todas as crises, criou um ambiente nacional de entusiasmo e otimismo. Sabia infundir confiança nas massas populares e agia como um terapeuta de massas, estimulando esperanças e dando ao povo o sentimento real de amor à Pátria — ao chão e aos homens, às tradições e ao progresso, à liberdade e à responsabilidade — que só o funcionamento normal e pacífico das instituições pode assegurar. Os que se rebelaram em armas contra ele receberam o corretivo do perdão, os apaixonados se viam desarmados ante a tranquilidade do poder, que pairava acima de todas as paixões e desvarios, insolências e tolices.

O peixe vivo vivo que percorria o imenso brasileiro em todas as suas latitudes, levando sempre a palavra confiante de conciliação e amor, atraía ao seu otimismo racional, apoiado em fatos e dados e não apenas em slogans psicológicos, os espíritos mais timoratos. Seu amor pelo Brasil contagiava naturalmente o povo. Muitas expressões são usadas para definir a função de governar. Juscelino não empregou nenhuma expressão nova, mas demonstrou na sua gestão que governar é amar. Graças a isso, a essa realidade que impregnava o inconsciente coletivo das massas, conseguiu realizar-se não apenas como o estadista-terapeuta, o médico de clínica populacional, mas também como o grande cirurgião plástico da Nação. Seu bisturi mágico renovou a fisionomia do País, reajustou e rearticulou os seus membros, deu-lhe a face moça e empolgante de Brasília, a Capital do Mundo no centro do Coração do Mundo. Os faraós egípcios construíam grandes mousoléus para si mesmos, mas Juscelino preferiu construir a cidade de asas, de fuselagem voltada para o amanhã, que é hoje o seu mausoléu vivo e funcional, erguido como doação de um espírito da Era Cósmica no planalto central da primeira potência, humanista da Terra. Brasília é o carisma do mundo novo que surge dos sonhos de Anchieta e Nóbrega, do martírio de Tiradentes, da profecia de D. Bosco, da visão política de Pedro I, do liberalismo construtor de Pedro II, das previsões mediúnicas de Francisco Cândido Xavier e dos anseios de paz e liberdade da raça brasileira, desde o Caçador de Esmeraldas até aos bandeirantes atuais que percorrem os céus brasileiros nas asas de Santos Dumont.

Guardemos este nome em nossos corações: Juscelino. Ele foi o imperador democrático de uma fase de otimismo, confiança e esperança em nossa TERRA. O construtor de Brasília ajudou-nos a construir o futuro. O mundo está em desespero. Mas nós esperamos, confiantes.

TEATRO

Marília de Castro

Rio de Janeiro — João das Neves, após 9 anos de criação de «O ÚLTIMO CARRO» resolve trazer ao palco a voz do povo dos subúrbios.

«ÚLTIMO CARRO», uma realização do Grupo Opinião é um dos maiores sucessos de bilheteria no Rio.

A ignorância, o heroísmo, a ingenuidade, a marginalidade são mostradas com muita mestria por João das Neves, que além de autor, é o diretor da peça. Os diálogos são curtos, a linguagem é a do povo, as idéias são as respeitivas deste povo...

É um dos melhores textos da atualidade. Seguindo Brecht na fase anti-aristotélica, João das Neves levanta os problemas sem o conflito central. Os personagens desfilam mostrando os problemas de grupos menores a que pertencem. O trem da central é a própria vida. As paredes dos vagões — as paredes da existência. Até que ponto as obras que construímos nos libertam ou aprisionam? Até que ponto o nosso trabalho ou a nossa luta são para nossa realização e liberdade? Cica, o marginal, e Deolindo, o trabalhador se falam num momento angustiante, em que o trem corre sem comando.

Cica — Por que o trem não vai parar e ninguém vai ter peito de saltar dele andando. Me dá vontade de rir. Vocês passam a vida esperando pela morte dentro dessa geringonça. Esse trem não para. Tá sempre andando com vocês. Vocês pensam que entram e saem dele todo dia, mas estão enganados. Vocês já nasceram aqui dentro. E tão sempre nascendo para encher essa lata velha que carrega vocês... tu é pedreiro, velho? Constrói casa, edifício, constrói? Constrói coisa nenhuma... Tu nunca saiu daqui. Tuas paredes são essas. Tu levantou elas e elas te fecharam. Sáí daqui, pedreiro, sáí. Sáí nada, pensa que sai. Num pensa que é saltando dereitinho nas estações que você se livra das paredes não. Elas vão atrás de ti. Lugar de macho na briga é brigando dentro dela para sair com a vida nos dentes. Tem que furar caminho. Saltar do trem em movimento.

Deolindo — Quem salta do trem andando, tá caindo fora da briga, não tá brigando nela. Não sei se fui eu quem levantou essas paredes, mas sei que foi um como eu que levantou. E outro como eu que fez essa máquina e outro botou para andar. E se ela desembestou é que tá faltando um de nós para controlar. Por isso ela tá correndo para a morte.

Muitos atores dessa montagem foram escolhidos entre pessoas do povo e não entre artistas. As figuras marcadas trazem uma grande autenticidade aos diálogos. Não poderíamos deixar de trazer aqui os nossos elogios à sonorização de Rufo Herrera e o cenário e ambiente de Germano Blum. Sem dúvida estes elementos envolvem a todo espectador na mensagem humana e social da peça. «ÚLTIMO CARRO» é uma obra que não se pode deixar de ser assistir.

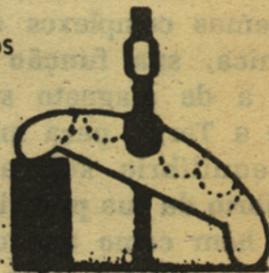
PRESILHAS FIXADORAS

P/máquinas operatrizes em geral prensas e injetoras de plásticos.

DISPENSA O USO DE CALÇOS

PREVISÃO
PRESILHAS E LACRES

Av. Adolfo Pinheiro, 1027.
F.247-5573 Sto. Amaro - SP.



ÉTICA

Equipamentos Científicos S/A

Amemo-nos uns aos outros. Façamos aos outros o que desejamos que eles nos façam. Toda a Religião e toda a Moral se encerram nesses dois preceitos. Se fossem seguidos neste mundo, todos seríamos felizes. Desapareceriam os ódios e ressentimentos. Direi mais: a miséria desapareceria, pois o superfluo dos ricos supriria a necessidade dos pobres.

Allan Kardec

Jabaquara, 55 - Sacomã - São Paulo

Vá direto à

EDICEL

Única editora da coleção completa da REVISTA ESPÍRITA - DE Allan Kardec (Indispensável ao conhecimento da Doutrina Espírita) e deste livro sem igual: INICIAÇÃO ESPÍRITA - de Kardec (3 livros em 1) Revendedora do livro DO MOMENTO:

AGONIA DAS RELIGIÕES
de J. Herculano Pires

E mais:

As 3 Revelações para Crianças
de M. Anhaia Ferraz

Único manual de iniciação infantil.

Rua Genebra 122 - Quase esquina da rua Maria Paula
Fones: 36-2273 e 28-5568 - CEP 01316 - São Paulo
Credíário e Reembolso Postal

mensagem

Edição: G.E. Cairbar Schutel

Diretor: J. Herculano Pires

Secretário de Redação: Jurandyr Gomes da Silva

Redação: COLEGIADA (COPY-DESK)

Diagramação: J. Amaral Simonetti

Administração: A.C. Molina, Antonio Terenzo

DISTRIBUIÇÃO

Abril S.A — Cultural e Industrial. Rua Emílio Goeldi, nº 575 — SP — C.G.C. 60598-0597-0001/58 — Inscrição: 102802294 — Fone: 262-7977

TIRAGEM

85.000 exemplares

Redação — São Paulo, rua Dr. Bacelar, nº 505 — Vila Clementino 8 CEP 04026 — fone: 549-3053. Composto e Impresso nas oficinas dos Diários Associados de São Paulo, à rua 7 de Abril, nº 230 — SP — BRASIL.

Desafio de Marte à ciência terrena

A Lua é um subúrbio da Terra e não deu muito trabalho aos nossos investigadores. Mundo aparentemente morto, sem os problemas complexos da vida orgânica, sua função parece mais a de magneto suspenso sobre a Terra, para influir no seu equilíbrio sideral e no equilíbrio da sua própria estrutura, bem como das coisas e seres do planeta. Mas o caso de Marte é bem outro. Não é um satélite terreno, mas um planeta irmão girando a 340 milhões de quilômetros de distância da nossa morada. Além disso, revelou desde as observações astronômicas, antes da era astronáutica, a possibilidade de possuir alguma forma de vida. Por mais insignificantes que sejam essas formas, os problemas que apresentam aos cientistas terrenos são enormes e praticamente insolúveis.

Houve um momento de suspense em Pasadena, até mesmo de euforia, ao se consertar o braço da Viking-1, que havia se deslocado no pouso. Nossos cientistas sentiram-se capazes de agir nas distâncias cósmicas de maneira eficiente. Mas logo que o braço, funcionando, colheu a primeira amostra de solo marciano e passou a examiná-lo em seu laboratório automático, os primeiros dados fornecidos deixaram os cientistas atônitos. Havia oxigênio em Marte — Sinal de possibilidade de vida — mas a aparição desse gás nas reações químicas do laboratório eram totalmente diversas de tudo quanto conhecemos na Terra.

Quebarva-se assim a idéia da semelhança dos mundos do nosso sistema solar, no tocante à estrutura material. Marte, considerado como o planeta mais semelhante à Terra, mostrava que as suas leis não são precisamente as nossas. A porção de solo marciano, misturada a um composto de elementos nitritivos da Terra, liberava uma quantidade espantosa de oxigênio. Essa quantidade enorme, entretanto, diminuía rapidamente, como se o fluxo de oxigênio em Marte não fosse contínuo e dosado como na Terra, mas lançado em jatos. Essa diferença levantava grandes problemas, impossíveis, pelo

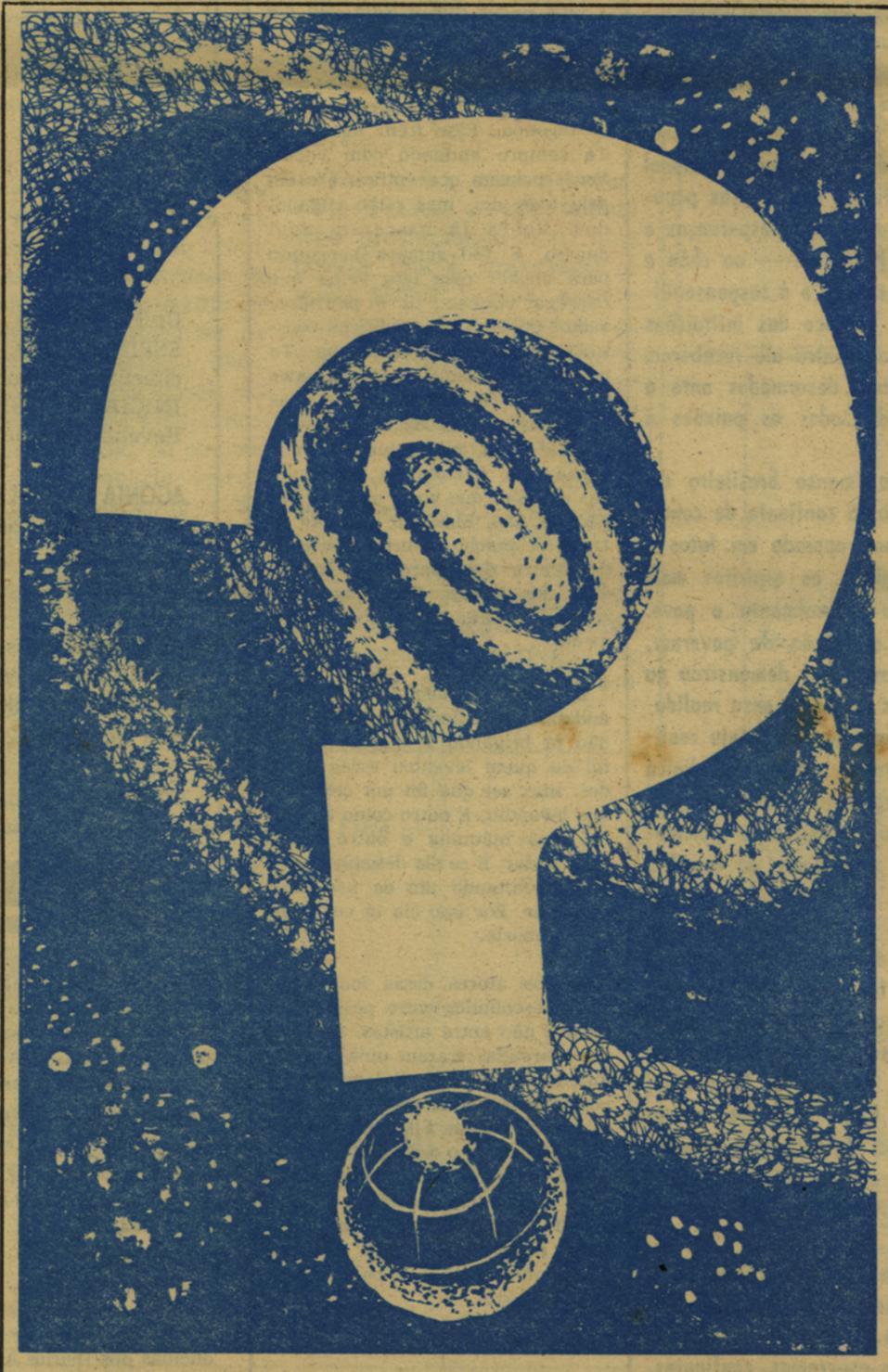
menos nesta fase das pesquisas, de serem solucionados à distância. Por outro lado, sugeriam a existência de um tipo de vida diferente da que conhecemos em nosso planeta. Harold Klein, biólogo chefe do Programa Viking, observou que a emissão de oxigênio devia ser contínua, como a de um organismo que respira, e não em forma de jatos violentos. E concluiu que os cientistas terrenos estão a braços com um desafio de Marte, sem disporem de nenhuma experiência que os possa ajudar a respondê-lo.

PERSONALIDADE DOS MUNDOS

A Terra levou cinco bilhões de anos para atingir as condições em que hoje a conhecemos. Quanto aos seus primóri-

Robert Henri Fourcade
Paris, Setembro, 76
Para MENSAGEM

dos e as longas fases sucessivas do seu desenvolvimento (ou amadurecimento) não possuímos mais do que hipóteses mais ou menos prováveis. Parece que as condições primitivas do planeta, no tocante aos gases vitais, eram muito diversas da que conhecemos atualmente. E tudo quanto sabemos sobre a vida, na sua constituição básica de carbono, hidrogênio, oxigênio e azoto, só nos serve analisar os fenômenos terrenos. Diante dos fenômenos de Marte somos simples calouros de uma universidade fantástica. Não obstante, pode haver uma esperança. Quem sabe se os laboratórios Viking, condicionados às leis do nosso planeta, poderão revelar-nos alguns processos que modifiquem a nossa maneira de encarar os problemas marcianos?



O biólogo russo Oparime formulou, em 1924, uma hipótese da formação da Terra a partir de três gases básicos: hidrogênio, metano e amoníaco. Nossa atmosfera seria composta desses gases e de vapor d'água em forma gasosa. O oxigênio, portanto, estava em posição secundária, na composição da água. O bombardeio dos raios cósmicos sobre esses elementos teria produzido as primeiras moléculas vivas. Como se vê, apesar do susto dos cientistas americanos, podemos encontrar em nossa própria experiência científica, algumas diretrizes hipotéticas, bem fundamentadas, como a de Oparime, para uma apreciação mais produtiva dos fenômenos marcianos. Os mundos têm, por assim dizer, a sua personalidade própria, a sua forma específica de desenvolvimento, conforme as condições cósmicas em que se formaram. A própria posição no sistema solar, e a posição na galáxia a que pertencemos, contribui para diferenciações possivelmente profundas entre os mundos. Na Terra, como no Cósmos, homens e mundos apresentam diferenciações que os caracterizam especialmente.

Bem antes da hipótese do russo Oparime, no início da segunda metade do século passado, o Prof. Denizard Rivail (mais tarde Allan Kardec) formulava a teoria da pluralidade dos mundos habitados, com base nas modificações do fluido universal. Esse fluido, que a Física de então admitia com o nome de éter espacial, foi considerado na Ciência Espírita como a matéria primordial de que nascem os mundos diferenciados. Kardec elaborou uma escala evolutiva dos mundos, na qual admite a existência de mundos primitivos (não habitados), mundos transitórios (não habitados e às vezes totalmente desprovidos de atmosfera e de vida, como a Lua) e mundos superiores, que se constituem de matéria rarefeita, sendo de natureza mais propriamente energética. Haveria em Marte formas de vida diferentes das que conhecemos na Terra? Esse é o desafio que Marte nos faz neste momento. Poderemos respondê-lo?